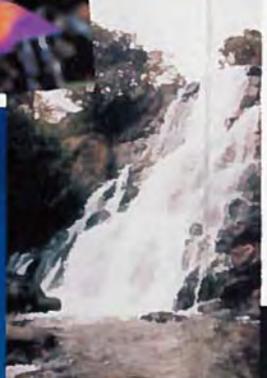
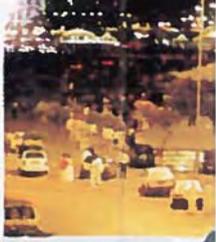


CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP AC/CÂMARA LEGISLATIVA
IMPRESSO

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA
ANO VI Nº 70/74
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Brasília



Câmara Legislativa do Distrito Federal

Presidente

Edimar Pireneus

Vice-Presidente

Gim Argello

1º Secretário

Wasny de Roure

2º Secretário

Daniel Marques

3º Secretário

Benício Tavares

Conselho Editorial: Francisco Gustavo de Castro Dourado, Afonso Ligório Pires de Carvalho, Margarida Patriota, João Henrique Serra Azul, José Ferreira Simões, Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, José Prates, Gracia Cantanhede, José Geraldo Pires de Mello, Luiz Gonzaga Rocha, Diniz Felix dos Santos, Romário Schettin, João Vianney C. Nuto, Marco Túlio Lustosa de Alencar. **Coordenador de Editoração e Produção Gráfica:** Randal Junqueira. **Assistente da Coordenadoria:** Wellington M. Oliveira. **Editor DF Letras:** Luis Turiba. **Programação Visual:** Marcos Lisboa. **Editoração Eletrônica:** Apolo Guandalini. **Fotografia:** Fábio Rivas, Sílvio Abdon, Carlos Gandra, Rinaldo Morelli, SETUR e EMBRATUR. **Revisão:** Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar, José Afonso de Sousa Camboim e Vania Maria Rego Codeço. **Digitação:** Gilberto Lucas, Chrissoula Pappas e Sérgio Cáceres. **Chefe da Seção de Editoração:** Valéria Castanho. **Equipe:** Ana Beatriz Caçador, Antônio Eufrauzino, Cláudio de Deus, Cláudio Gardin, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone, Marizete Amaro, Nelci Stein e Oscar Monterrojas. **Chefe da Seção de Produção Gráfica:** Pedro Victor de Senna Rodrigues. **Equipe:** Abimael Amorim, Adeilton Godoy, Antônio A. dos Santos, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Edson de Lima, Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonatas Martins, José C. de Sousa, José de Jesus, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Sílvio R. Fonseca e Vicente Lima.

Tiragem:

5 mil exemplares

Esta edição compreende os números 70/74, meses de janeiro, fevereiro, março e abril/2000. Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira Responsabilidade o conteúdo das mesmas



Redação

Fones:

(61) 348-8412 e 348-8959

Fax:

(61) 348-8413

E-mail:

df-letras@cl.df.gov.br

Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural - CEP 70086-900 - Brasília-DF - Fone: (061) 348-8000

Brasília

40 anos

O dia começa cedo. O ritmo é intenso. Encontros, reuniões, telefonemas, sessão plenária e muitos compromissos políticos.

Nesse corre-corre, o celular toca sem trégua, o relógio no pulso pede para correr mais um pouco, o carro trafega lentamente. O trânsito congestionado não ajuda. E a gente se dá conta de quanto a cidade cresceu. Nem parecem mais aqueles anos dourados da década de 60, quando surgiam os primeiros prédios da nova capital sonhada por JK.

Naquele tempo eu era apenas um menino, e brincava de soltar pipa no vento forte de terra seca. Hoje, sou um dos parlamentares eleitos pela população brasiliense para repensar, no contexto do novo século, a prosperidade desta cidade e contribuir para o bem-estar de seu povo.

Ah! minha querida Brasília, cidade de curvas, cortes e traços belíssimos! Resultado da união das mãos e cérebros de dois grandes arquitetos deste nosso Brasil, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Que beleza seria se pudéssemos trafegar pelas avenidas por eles tão bem projetadas, apreciando apenas a exuberância dos palácios, monumentos e edifícios bem recortados.

Mas hoje a realidade apresenta uma outra fotografia, mazelas dos tempos atuais. A beleza e a exuberância de Brasília contrastam com as lonas coloridas de barracas que invadem suas ruas, no Plano Piloto e nas cidades-satélites. São brasileiros que vêm de vários pontos do país para aqui tentar uma vida melhor.

O que fazer então? Brasília foi projetada para receber cerca de 600 mil habitantes. Hoje já são dois milhões. Nas cidades-satélites, onde se concentra a maior parte desse total, ainda faltam escolas, hospitais, delegacias e até água para alguns.

Brasília continua linda, mas não é mais uma menina que carrega apenas a magia de sua ingenuidade. Está amadurecida, completando agora 40 anos. Seus monumentos e palácios continuam refletindo a claridade do céu cantado por tantos poetas, mas os problemas precisam ser pensados com rigor por toda a sociedade.

A Câmara Legislativa tem uma grande importância na busca dessas soluções. Ao completar 10 anos de funcionamento, marcado por lutas pela democracia e pela defesa do povo do DF, tem como papel fundamental não só a elaboração e manutenção das leis, como também a responsabilidade cultural na formação da cidadania brasiliense.

Gim Argello

Vice-Presidente da Câmara Legislativa do DF

1
a
i
r
o
t
i
d
e

BRASÍLIA

40 anos de POESIA

Brasília é, provavelmente, o mais concreto dos poemas do Brasil.

Da oca a Oscar,
Niemeyer

500 anos de praia.

Cidade – musa

Cidade – moça

Cidade – mulher

Com suas confortáveis e consolidadas curvas de **40** anos.

Brasília é sensual.

é manhosa,

é gostosa,

é absolutamente feminina.

Como fêmea é devoradora, porque também é poder.

Brasília, cidade adjetivo, porque é cidade **poesia**.

Nasceu polêmica, cresceu contraditória, se fez amada e odiada.

É caprichosa.

Também pudera! Brasília tem um pai chamado **JK**.

Tem os traços de **Niemeyer e Lúcio Costa**.

É filha dos anos 50, irmã da bossa nova, da poesia concreta, da lambreta, do

biquini, da indústria automobilística, da seleção brasileira campeã na Suécia, com Gilmar, Deline, Didi, Pelé, Garrincha e Zagalo.

É o portal do Brasil contemporâneo.

Brasília foi cantada em verso e prosa antes de nascer, durante a construção e agora, que consolida sua cidadania.

Como disse Carlos Drummond de Andrade, em carta ao poeta Joanyr de

Oliveira, maior antologista da nova capital: “Brasília foi um acontecimento de tal maneira relevante na vida brasileira, que devia suscitar, como suscitou, o interesse e a emoção dos poetas.”

Para manter viva a tradição poética, selecionamos para esta edição especial

40 poemas que cantam Brasília falando de **sonhos, cenas, marchas, edificações, tramas, visões, trapaças, trabalhos, saudades,**

enfim, a vida e a obra da sua gente e da sua arquitetura.

Brasília – 40 anos!

Que melhor homenagem poderia caber a uma revista chamada **DF Letras**?

Luis Turiba - Editor



“Eu fui a favor de Brasília desde o começo.

Quando Juscelino pensou em fazer a Capital do País no centro geográfico do Brasil, houve muita oposição dos privilegiados do Rio de Janeiro e de São Paulo que temiam perder aqueles pólos de

importância. No princípio, não foi fácil. Eu me envaideço por ter sido um dos primeiros que apoiaram a idéia de Brasília, um dos primeiros que compreenderam a importância daquilo que Juscelino propunha.

Bati-me por Brasília e não foi fácil. Estou muito em casa, estando aqui. Estou em minha casa. Esta cidade nós construímos sabendo o que queríamos e o que iríamos fazer. Esta cidade tem uma importância enorme para cada um de nós, para todo o Brasil e para todos os brasileiros. (Muito bem!)

Brasília tão rapidamente conquistou o seu lugar e se impôs ao Brasil. Tão rapidamente Brasília passou a fazer parte do que há de mais importante, culturalmente falando, de nossas vidas. É de nós todos a consciência de que a criação de Brasília foi fundamental para o desenvolvimento do Brasil; foi fundamental para que não nos restringíssemos àquela coisa pequena, mínima e reduzida a que estávamos habituados.



De repente, chegou alguém e cravou no centro geográfico do País a idéia da sua grandeza.

Brasília é muito mais que um núcleo populacional. Brasília significa a consciência que os brasileiros têm da importância de sua Pátria, da grandeza de sua Pátria, do futuro de sua Pátria.

Como disse, fui um dos primeiros a apoiar Brasília. Tenho grande vaidade disso. Quando falam em Brasília, digo: minha cidade. Hoje, é a cidade de todos nós, mas houve um momento em que alguns poucos homens, à frente dos quais Juscelino Kubitschek, tiveram de lutar de uma forma violenta para que se implantasse na consciência do País essa verdade.

Para mim, é uma grande honra, uma grande alegria estar aqui neste dia de hoje. Foi um dia pelo qual eu esperei. Eu sabia que havia de suceder a vitória desta cidade, que havíamos de triunfar em nosso empenho de dar ao Brasil uma idéia da sua grandeza, da sua beleza, de sua universalidade.

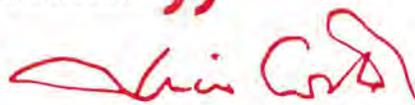
Brasília é uma cidade nova, plantada por nós. Não vem crescendo aos poucos como as demais, de raízes as mais diversas; veio de idéias de cada um, de conceitos; veio da vontade de dar à nossa Pátria uma proposição digna dela. ”

Jorge Amado



“Eu caí em cheio na realidade, e uma das

realidades que me surpreenderam foi a rodoviária, à noitinha. Eu sempre repeti que essa plataforma rodoviária era o traço de união da metrópole, da capital, com as cidades-satélites improvisadas na periferia. É um ponto forçado, em que toda essa população que mora fora entra em contacto com a cidade. Então eu senti esse movimento, essa vida intensa dos verdadeiros brasilienses, essa massa que vive fora e converge para a rodoviária. Ali é a casa deles, é o lugar onde eles se sentem à vontade. Eles protelam, até, a volta para a cidade-satélite e ficam ali, bebericando. Eu fiquei surpreendido com a boa disposição daquelas caras saudáveis. E o “centro de compras”, então, fica funcionando até meia-noite... Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, com uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. Só o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Foi uma bastilha. Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser, Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído. ”

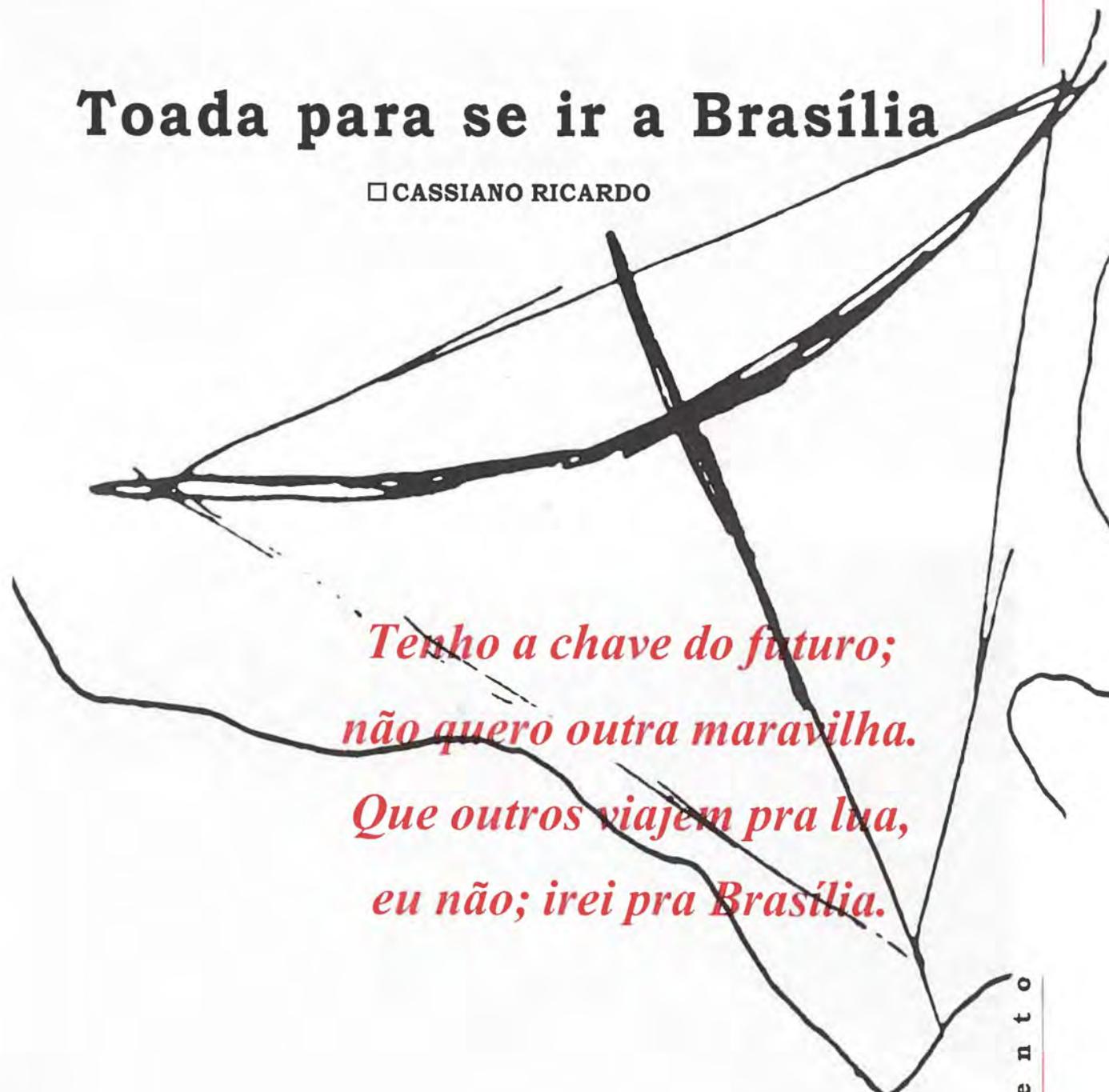


Lúcio Costa - 30/III/87



Toada para se ir a Brasília

□ CASSIANO RICARDO



*Tenho a chave do futuro;
não quero outra maravilha.
Que outros viajem pra lua,
eu não; irei pra Brasília.*

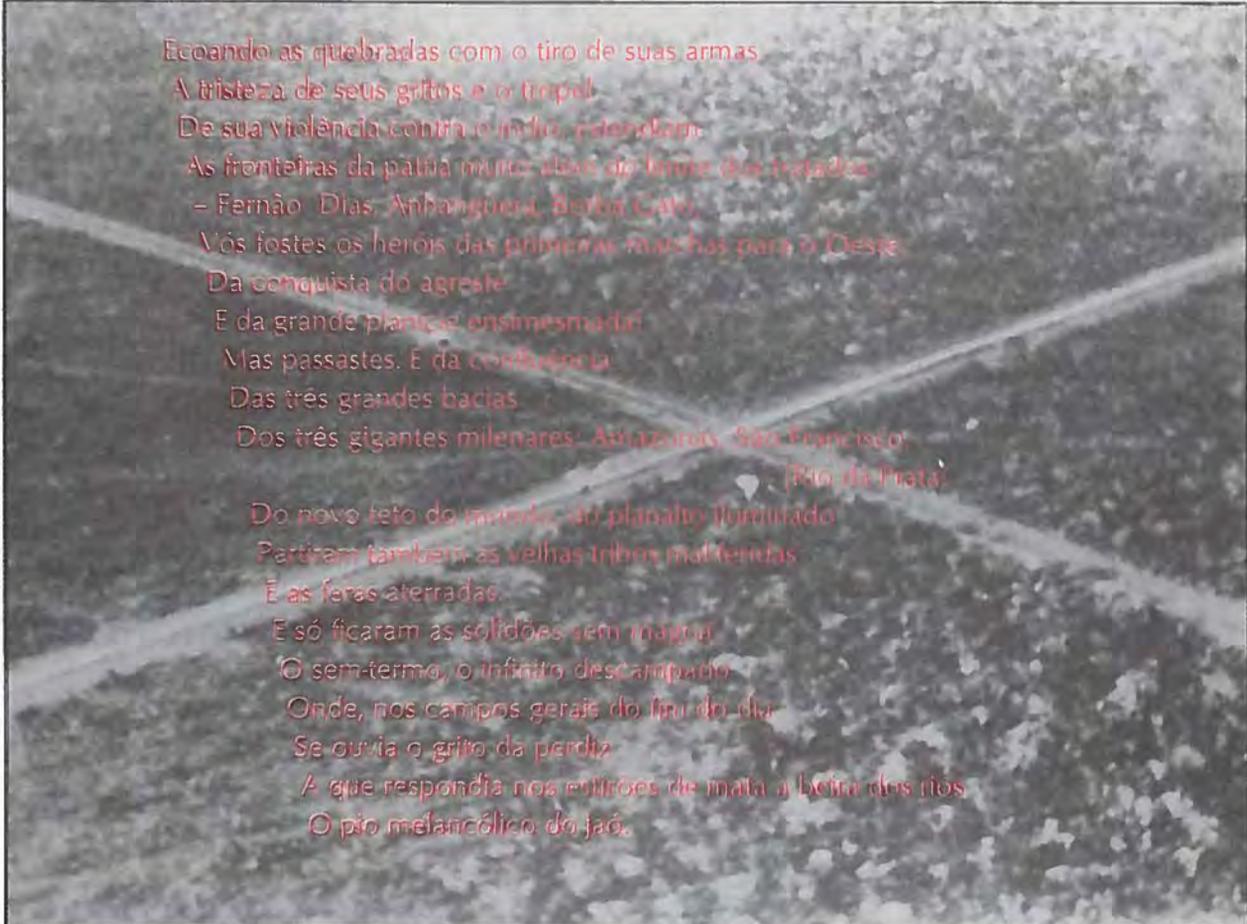
F r a g m e n t o



I – O planalto deserto

□ VINÍCIUS DE MORAES

No princípio era o ermo...
 Eram antigas solidões sem mágoa,
 O altiplano, o infinito descampado...
 No princípio era o agreste:
 O céu azul, a terra vermelho-pungente
 E o verde triste do cerrado.
 Eram antigas solidões banhadas
 De mansos rios inocentes
 Por entre as matas recortadas.
 Não havia ninguém. A solidão
 Mais parecia um povo inexistente
 Dizendo coisas sobre nada.
 Sim, os campos sem alma
 Pareciam falar, e a voz que vinha
 Das grandes extensões, dos fundões crepusculares,
 Nem parecia mais ouvir os passos
 Dos velhos bandeirantes, os rudes pioneiros
 Que, em busca de ouro e diamantes,



Ecoando as quebra-das com o tiro de suas armas
 A tristeza de seus gritos e o tropel
 De sua violência contra o índio, exterminam
 As fronteiras da pátria muito além do limite dos tratados
 – Fernão Dias, Anhangüera, Beriba Cato,
 Vós fostes os heróis das primeiras matilhas para o Oeste
 Da conquista do agreste
 E da grande planície ensimesmada!
 Mas passastes. E da confiança
 Das três grandes bacias
 Dos três gigantes milenares: Amazônios, São Francisco,
 (Rio da Prata)
 Do novo teto do mundo, do planalto iluminado
 Partiram também as velhas tribos mal feridas
 E as feras aterradas.
 E só ficaram as solidões sem mágoa
 O sem-termo, o infinito descampado
 Onde, nos campos gerais do fim do dia
 Se ouvia o grito da perdiz
 A que respondia nos entulhos de mata a beira dos rios
 O pio melancólico do jacó.

E vinha a noite. Nas campinas celestes
Rebrilha, am mais próximo as estrelas
E o Cruzeiro do Sul resplandecente
Parecia destinado

A ser plantado em terra brasileira:

A Grande Cruz açada

- Sobre a noturna mata do cerrado
Para abençoar o novo bandeirante
O desbravador ousado
O ser de conquista
O Homem!

II – O homem

Sim, era o Homem,

Era finalmente, e definitivamente, o Homem.

Viera para ficar. Tinha nos olhos

A força de um propósito: permanecer, vencer as solidões

E os horizontes, desbravar e criar, fundar

E erguer, suas mãos

Já não traziam outras armas

Que as do trabalho em paz. Sim,

Era finalmente o Homem: o Fundador. Trazia no rosto

A antiga determinação dos bandeirantes,

Mas já não eram o ouro e o diamante o objeto

De sua cobiça. Olhou tranqüilo o sol

Crepuscular, a iluminar em sua fuga para a noite

Os soturnos monstros e teras do poente.

Depois mirou as estrelas, a luzirem

Na imensa abobada suspensa

Pelas invisíveis colunas da treva.

Sim, era o Homem...

Vinha de longe, através de muitas solidões,

Lenta, pensosamente. Sotria ainda da penúria

Dos caminhos, da dolência dos desertos,

Do cansaço das matas enredadas

A se entredexorarem na luta subterrânea

De suas raízes gigantescas e no abraço uníssono

De seus ramos. Mas agora

Viera para ficar. Seus pés plantaram-se

Na terra vermelha do altiplano. Seu olhar

Descortinou-se às grandes extensões sem mágoa

No círculo infinito do horizonte. Seu peito

Encheu-se do ar puro do cerrado. Sim, ele plantaria

No deserto uma cidade muito branca e muito pura...

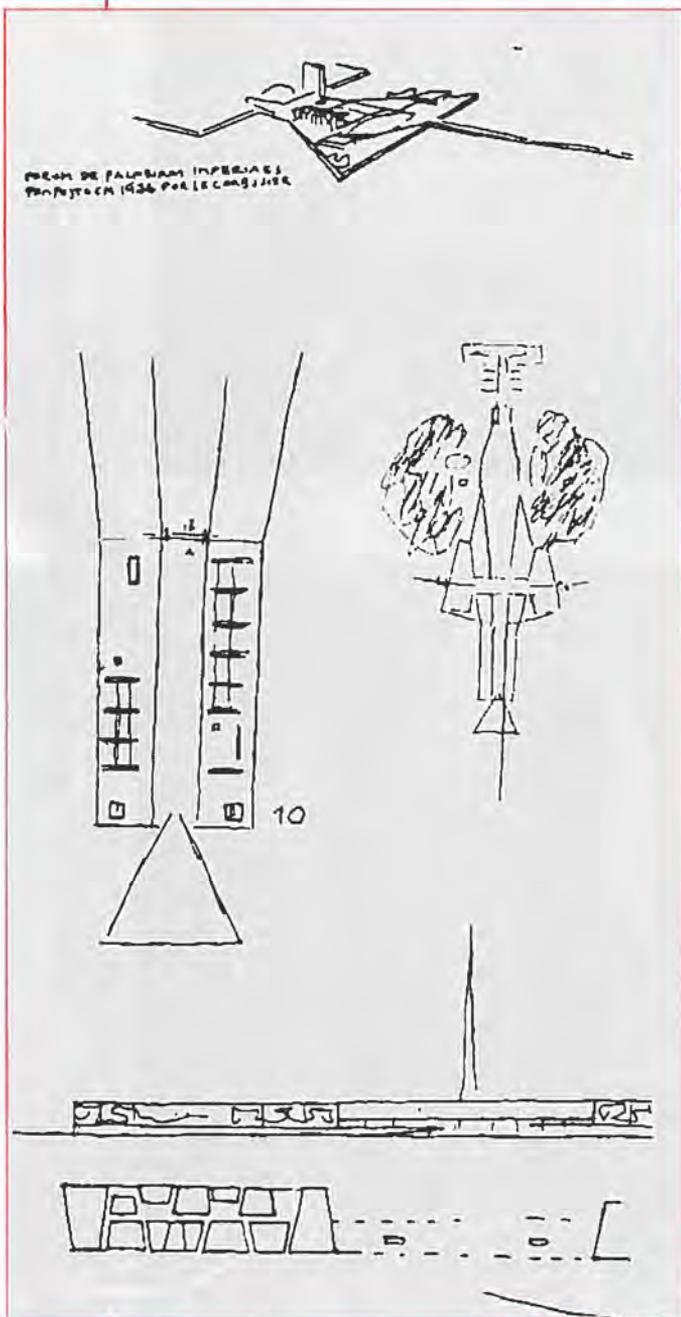


Canção da fábula inicial (BRASÍLIA)

□ JOSÉ GODOY GARCIA

Só havia noites e as manhãs.
Com o avançar dos dias
as máquinas chegando.
Não se podia saber
mas o certo é que elas
tinham uma importância
maior que os homens,
e também a madeira para as construções.
Havia sulcos já, cortes na crosta
angustiada; cerrados, caminhos,
estradas, árvores quebradas,
terra solta, animais fugindo.
As máquinas sempre chegando.
Os caminhões de madeira
e gente.
Com espaço de alguns dias
a terra na sua superfície
lembrava restos de tempestade.

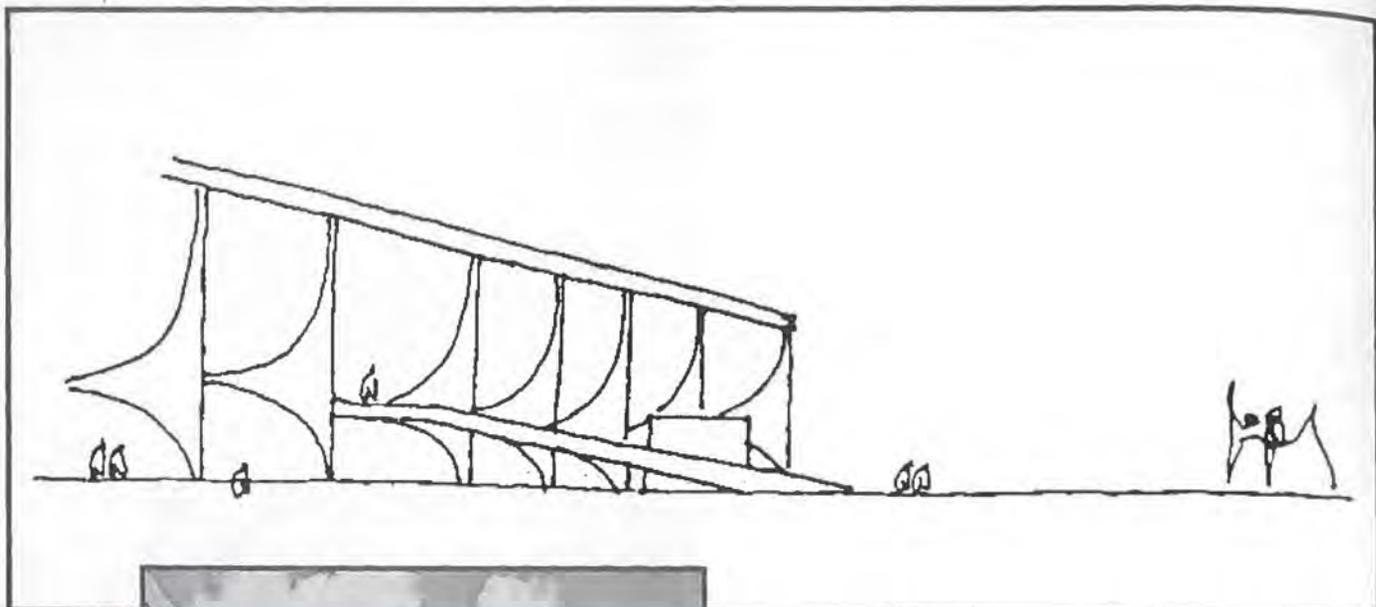
Era chão batido, chão
sulcado, chão ferido.
Mas ainda não era nada. As
máquinas devoravam o chão,
cortavam riachos,
trituravam árvores.
Noites de negrume estranho.



Os longes e as tardes coloridas,
mas ninguém olhava.
As casas de madeira
apareciam. Parca, a vida
que nelas começava;
mas começava. A terra
podia estar aceitando
o domínio do homem,
mas ninguém olhava.
Nem a dor
de um e outro se pressentia.
Os homens,
tanto como não se esperava,
chegavam;
vinham, apareciam
mais do que as máquinas
e utensílios,
não eram previstos.
Não pensavam
no velho e no muito velho
e no novo corpo, nem
se avaliavam. Eram iguais
aos retorcidos troncos
de árvores do cerrado.
As roupas iam-se desfi-
gurando e não percebiam,
e as pequenas feridas
apareciam na pele
e não eram vistas e cuidadas,
nem as mãos e os cabelos
eram lembrados.
Em tudo começava um movimento,
fora ou dentro da hora,
porque tudo era lícito
tudo estava fora do lugar
e cavando o seu lugar,
criava e recriava a vida.
As casas aumentando-se,
mas nelas ruídos não se ouviam,
só a vida no largo chão
de sol e lua.



2
Uma primeira lua se passou
e ainda tudo era o mesmo.
O que se modificava era
a terra com suas feridas.
Chão batido e chão claro.
Já um e outro tiveram fome,
e pegaram a lembrar de alguma
coisa que ficou para trás.
Chegava o momento
em que o homem
redescobria-se. E



assim ele podia
olhar em redor
e fazer amizades,
porque tudo isso é
de sua tradição.
Ele olhava a terra
e pôde com a fome olhar as estrelas
e pegar numa árvore,
observar a água,
e amar sua aventura.
E, ao mesmo tempo que andava
para agir contra a fome,

também podia pensar.
E começava a miúda afeição
de um e de outro pelo sítio,
barracos;
do homem pela máquina,
do povo pelas estrelas e caminhos.

3

Um dia a mulher chegou.
Alguns homens, velhos e novos,
tiveram logo a notícia.
Era a primeira que vinha
à terra. As máquinas, os
homens, depois ela.

.....
Ressuscitada em mágoas,
foi conduzida para o
caminho parado
à porta da pensão
na encosta do Bananal.
No chegar da manhã
seguiu para Anápolis.

4

A terra viu o crime.
Foi no acampamento da
"Pacheco Fernandes".
Os operários encurralados,

reclamavam direitos.
Eram dez horas no planalto.
Foram metralhados.
A madeira curtida
pelo sol
e pela chuva
foi feita em pedaços
(eles amoitavam-se
nas casas de tábuas),
feita em sangue.
No caso não mais se falou.



Havia-se iniciado a vida no ermo.
Tudo agora diluía-se
no emaranhado de humanidade
que despontava de esquinas
de matos e encostas.
Sinais humanos,
terra ferida.

5

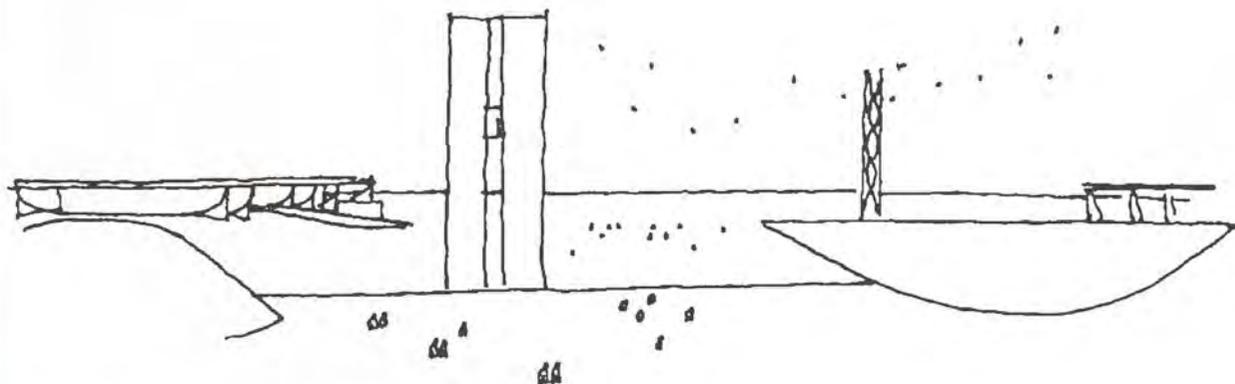
Como se faz uma cidade?
Com o sonho que vira casa.

Como se faz uma cidade?
Com o sangue que vira casa.
Com vidas e argamassa?
Como se faz uma cidade?
Com operário se conta?
Como se faz uma cidade?

É a boca do homem quem sabe.
É a fala do homem quem sabe.

A mão do homem quem sabe.
A mão do homem segreda ao sangue.

Como se faz uma cidade?
Com a mão se faz o sonho.





ALTIPLANO

□ ANDERSON BRAGA HORTA

ANTES do começo,
era o sertão, só e ríspido.
Vegetais cheios de ódio fitando os céus
impossíveis
e apontando a terra sáfara.
Dedos torcidos de séculos.
Bênçãos dissimuladas sob a raiva.
Natureza virgem à espera da posse.

SOB a carne desidratada
destas planuras
já se pressentem – hígdas –
as covas futuras.
É dessa carne e dessas covas
– morte aparente –
já se pressentem fluindo em ouro
arquivindouras
fartas torrentes.

A vida na morte
enraíza.

DIALETICOS pequis
de coração de ouro e farpas
guardam-se verdes do grito áureo dos tucanos.
Veados camuflados.
Tatus embutidos.
Arisca florifauna.

Ásperos minerais irônicos,
no fundo, sorriem
e esperam.

A EROSÃO comera o ventre da terra
e chupara-lhe as lágrimas.
De outras terras também calcinadas
o húmus viria:

mãos nodosas,
magras mãos,
mãos rudes, mãos férreas,
- mãos -
com o próprio
sangue ralo de anemia
regarão o alheio dia.

VENTOS e chuvas corroeram arestas,
dispersaram resíduos,
e o terreno está pronto: esqueleto
à espera da carne.
E vieram os pioneiros
e rasgaram os mapas
(no papel, o embrião): corpo
à espera de uma alma.

E VIERAM os primeiros peões.
E vieram
e voltaram



no périplo (sem portos)
da fortuna.
E vieram
e voltaram
e vieram
no fluxo e refluxo
da fome.
E vieram
e ficaram
plantados,
árvores migrantes
- torcidas de séculos -
enraizando, úberes, dedos,
salgando impossíveis céus.

TODAS as peças
no tabuleiro.
Reis, bispos, torres.
E os cavalos.

A batalha começou
sem que ninguém desse por isso.
E em lances bruscos
a cavalhada,
dos flancos,
da retaguarda,
salta
e airopela peões em marcha.

Silêncio
de gritos
coagulados.

Sacrificam-se os peões,
ficam-se os reis.
É a lei
do xadrez.
Mas onde o exército inimigo?



No imenso tabuleiro
há um formigamento de cruces
anônimas. Subterrâneos,
os mortos
suportam o peso
do porvir.

ÁVIDA suga a terra
as mil línguas da chuva.
Intimidade.
Poros abertos, solos refratários à lama.
No entanto, há lama
nos pés, nas máquinas,
nas almas.
Águas avolumam-se, pejando a represa.
Grávidas terras falam ainda de uma pureza
intratável.
No ar seco, um vento áspero
fala de lutas.

NA CONFLUENCIA das virilhas
o dique
represa os córregos.
Basta um abrir de comportas
e um rio
irrompe em cólera.

Na confluência dos párias
um dique.

CRESCER uma pétala



na rosa-dos-ventos.
Desviam-se para Oeste os rios do orvalho,
de que o asfalto, o aço, o concreto,
o abstrato,
tudo é resíduo.
Cruz resumindo sacrifícios,
avião demandando o futuro.
Símbolos.
Reais são os mortos, alicerces nossos;
real é o presente, imenso,
bruto
canteiro de obras.

NO PLANALTO, lenta,
se abre:
rosa superfaturada
em vidro-plano e concreto.

Contraditória
rosa
explosiva.

De tuas impurezas,
de tuas asperezas,
rosa queremos-te
exata.
No altiplano de nossas esperanças,
rosa-dos-homens
construímos-te futura.



Arquitetura nascente

□ JOAQUIM CARDOSO

Planos de sombra e sol. Colméias,
Hexagonos. Prismas de cera.
Um ovo. Um fruto. Uma semente
Que em tempo límpido plantada,
Em chão noturno se perdera,
Agora nasce, enfim se eleva
Em pedra e em ferro organizada.
Em pedra virgem de ternura
Das águas. De um granito ornado
De horablenidas e de granadas,
Penetração de chuva e vento,
A rigidez jamais poluiu;
E de um minério extravasado
Em rio ardente e rastejante
O ferreo sangue uma vez fluiu.



Em rocha ignea... rude matéria
Enfim se eleva e o espaço altera,
Ou numa pedra mais recente
Que um jardineiro descobriu
Quando regava os seus gerânios,
Certa manhã de primavera.

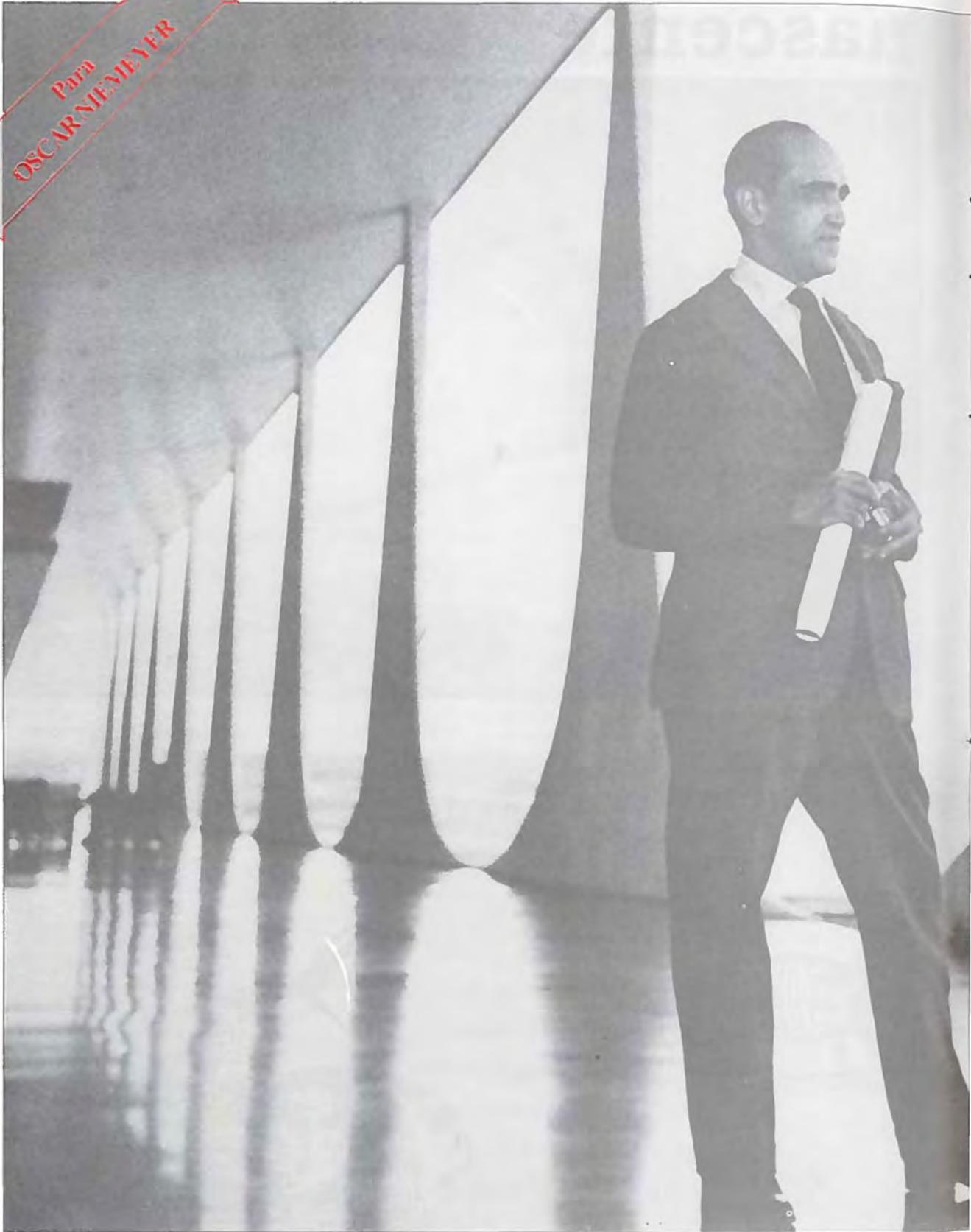
Mas, exemplar de austera flora,
Se do teu corpo não se abriu
Terra fecunda, entanto, embora...
Em vez de ramos e de flores
Teu corpo pleno de vigílias
Gera a harmonia dos tensores.

*JOAQUIM CARDOSO,
engenheiro e poeta
pernambucano, foi o
responsável pelo cálculo
estrutural de grande parte
dos edifícios públicos de
Brasília, destacando-se,
entre eles, o Palácio do
Itamaraty, a Catedral e o
Congresso Nacional. Texto
extraído do livro Poesias
Completas. Editora
Civilização Brasileira.*

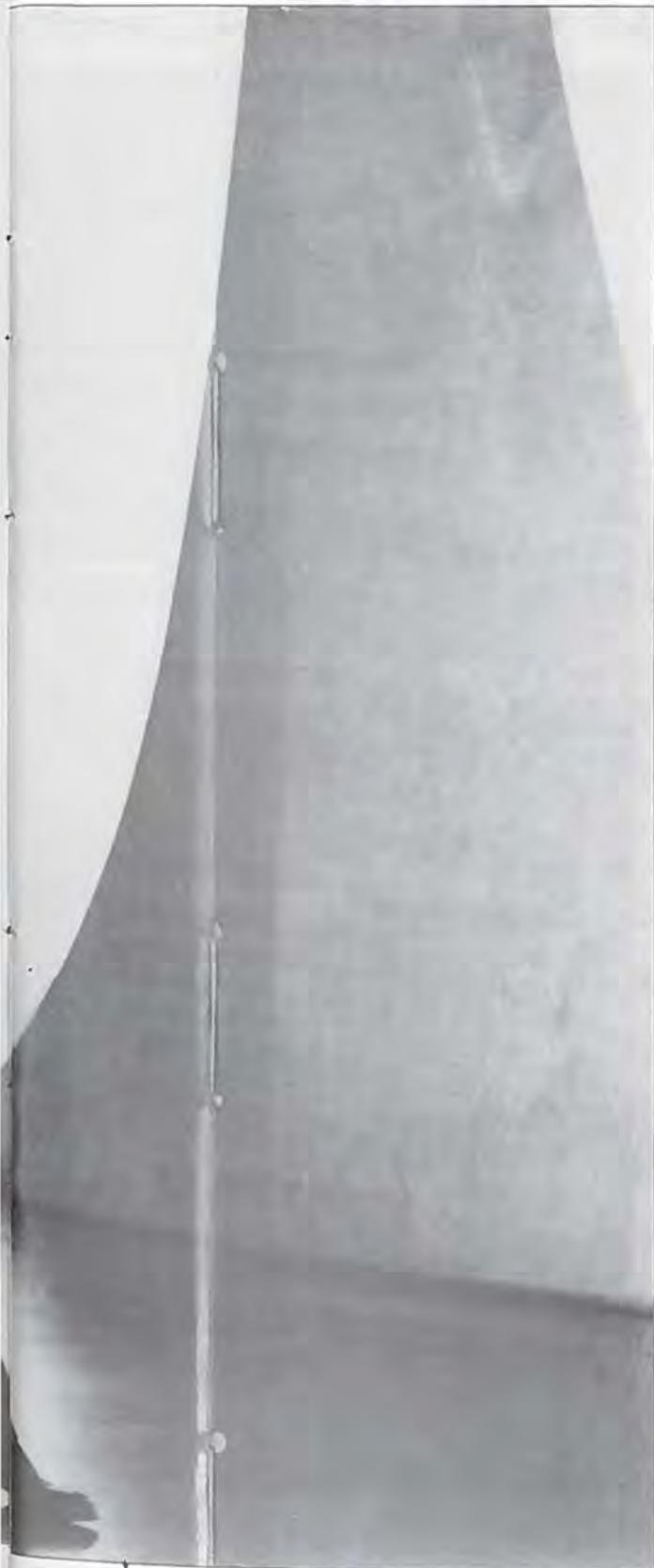


Lições da

Papa
OSCAR NIEMEYER



arquitetura



□ FERREIRA GULLAR

No ombro do planeta
(em Caracas)
Oscar depositou
para sempre
uma ave uma flor

(ele não faz de pedra
nossas casas:
faz de asa)

No coração de Argel sofrida
fez aterrissar uma tarde
uma nave estelar
e linda
como ainda há de ser a vida

(como seu traço futuro
Oscar nos ensina
que o sonho é popular)

Nos ensina a sonhar
mesmo se lidamos
com matéria dura:
o ferro o cimento a fome
da humana arquitetura

nos ensina a viver
no que ele transfigura:
no açúcar da pedra
no sonho do ovo
na argila da aurora
na pluma da neve
na alvura do novo

Oscar nos ensina
que a beleza é leve





Não é o ângulo reto
 que me atrai.
 Nem a linha reta,
 dura ostensiva criada
 pelo homem.
 O que me atrai é a
 curva livre e sensual.
 A curva que encontro
 nas montanhas do meu
 país, na curva sinuosa
 dos seus rios, nas nuvens
 do céu, no corpo da mulher
 amada.
 De curvas é feito todo o
 Universo. O Universo curva
 de Einstein.



Oscar Niemeyer



Memorial da noite ou as invasões

□ JOANYR DE OLIVEIRA

§ Prolongado soluço
deitado sobre o medo.
As fendas da porta,
entre tábuas precárias –
apontando eixos
da cidade, em seu giro.
O bagaço do homem
no caroço das noites.
Profissão: candango.

§ O pensamento ruma
o corpo da cidade
sazonada nos dias,
as fundações, o palácio
em suas conchas de vento.
Os ninhos para o amor

dos que desamaram
o embrião, o esboço
da cidade translúcida.

§ Agora, nem mesmo areia,
nem mesmo pedra concreto.
A cidade se acende
a esses pés forâneos.
As sombras dos pilotis
não nasceriam para
tenros, moços e antigos,
para mouros e louros?
A cor da esperança
em seus equilíbrios





no lombo das lendas,
— do paraíso das falácias.

na exaustão do peito
— exilados dos trevos

§ Agora, Invasão.
Sonhos não há mais.
As horas da noite
mastigando o vazio
dolorido dos olhos,
ressequida esperança.
O candango degusta
carne das sombras,
bebe canto rubro
dos galos matutinos.

§ A Invasão: a laíma
para os pés e as almas.
Trevas antiqüíssimas,
embriaguez de paredes
sem prumo e futuro.
A mudez enumera:
— edifícios nascidos

e das superquadras simétricas.
(Amoldam-se, lívidos,
à escuridão compacta.)

§ Invasor? De migalhas
(em labirintos sem mapas)
das mesas completas.
Onde lua e alvoradas?
E os tapumes dos sonhos?
Entre tábuas efêmeras
beija a concha das mãos
e ama os calos enfáticos.

§ O silêncio-testemunha
no horizonte, nas ruas.
Do candango é o legado
o soluço e o vazio
sobre a esquálida carcaça.

JOANYR DE OLIVEIRA, mineiro de Amoreis, nascido em 1933, poeta, contista, ensaísta, muitas vezes laureado, residindo em Brasília desde 1960, testemunha do nascimento dessa metrópole do século XXI, por ela encantou-se e tem sido um de seus arautos em verso e prosa. Brasília na Poesia Brasileira é, como ele mesmo define, "uma das mais altas e belas homenagens já tributadas à nova Capital, em seus vinte e dois anos de existência", selecionando dezenas de nomes, dentre os mais importantes da poesia brasileira.

Altar da história

□ NEWTON ROSSI

Brasília, é seu o proscênio!
No horizonte do milênio,
Quarenta velas acesas
derramam luzes na história.
Para mostrar sua glória,
Vencedora de incertezas.

Com Brasília aqui no centro,
O Brasil ficou mais dentro
Do coração do porvir.
Erigiu um novo archote
E ofereceu como dote
Às gerações que hão de vir.

Muitos vieram andando
E, como o Santo, sonhando
Com terras da promessa.
Tal qual Moisés no deserto,
Que, de Deus, ficou mais perto,
Conduzindo a multidão.

No tempo, os sonhos guardados,
Foram, também, acordados,
Despertando a antiga idéia.
E um estadista de ação
Convocou toda a Nação
Para uma grande epopéia.

Roncam tratores (blindados)
Marcham candangos (soldados),
Começa a revolução:
Revolvem terras vermelhas
E num painel de centelhas,
O céu abençoa o chão.

Nascia a nova esperança
E Brasília, ainda criança,
Em seu caminhar fecundo,
Com muito arrojo e bravura,
Urbanismo e arquitetura,
Mostrou o Brasil ao mundo.

O tempo foi caminhando
E a Capital confirmando
Que veio para ficar.
Transpondo imensos percalços,
Pisando com pés descalços
Conquistou seu patamar.

Há um tropel nas estradas,
Movimentam-se as espadas,
Ao som de terna canção.
São os vultos do passado,
Que caminham, lado a lado,
Para a grande decisão.

E do conselho dos tempos
Hão de surgir novos ventos
Para, o destino, soprar...
E o Brasil, então, bem alto,
Da imensidão do Planalto,
LIBERDADE! Vai gritar.

Ao cumprir a profecia,
Brasília, por certo, um dia,
Vivendo a transformação,
Envolta em manto de glória,
Há de ser o altar da história
Na Catedral da Nação.



Brasília... JK, meu herói

□ SIOMAR RODRIGUES DE SOUSA

Brasília,
 Centro gravitacional, tronco político
 deste
 novo Brasil, que se levanta do sono letárgico
 de
 quase cinco séculos na conscientização de uma nova
 era...

Brasília,
 bela cidade, que floresce no coração da pátria
 em
 festa: tu foste fecundada e nascida do otimismo
 de
 um povo... Teu pai foi JK... Tua mãe é o Brasil...
 Teu
 sangue é o de Tiradentes... Tuas mãos são as do candango...
 Teu
 espírito é Niemeyer... Teu corpo é Lúcio Costa...
 Teu
 coração é a pátria... Tuas pernas Brasília são os moços...
 Teus
 nervos e tua musculatura são os estudantes,
 que
 representam o futuro... Brasília centro gravitacional,
 tronco
 político... esperança do Brasil...

Brasília,
 bela cidade, que floresce no coração da pátria em festa...

Tua
 missão é nobre, teu destino é supremo, porque tua figura
 é
 a imagem do bandeirante refletida na integração do homem
 no
 solo pátrio...

Teu
 destino é o de levar a unidade a todos os quadrantes
 da
 nacionalidade mãe. E, acima de tudo, Brasília, tua missão,
 teu
 destino são guês nobres ainda, são frutos do otimismo de todo
 um
 povo, que é a preparação abençoada do Brasil,
 para
 implantar no coração do Amazonas, o início de uma nova era
 na
 História gigantesca deste grande Brasil, que amo acima de todos os
 altares...





□ JOSÉ SANTIAGO NAUD

I
O azul era o seu domínio
e as chuvas caíam sobre suas escamas
como coisa difícil

ave
penosamente ancorando
no galho nu
antes da invernia.

Todos os dias
o sol
era alimento dos bichos
e a lua

em vão serena
pretendia
a doce contemplação
do pasmo e da magia.

Alto
planava
no vazio dos conceitos

não obstante a essência
de águia tenaz
a que a presa fugiu
e ainda persiste

e se agita
no seu puro planar
cheia de nada.

Foi
longamente
sem ser mais que deserto.
As águas desciam

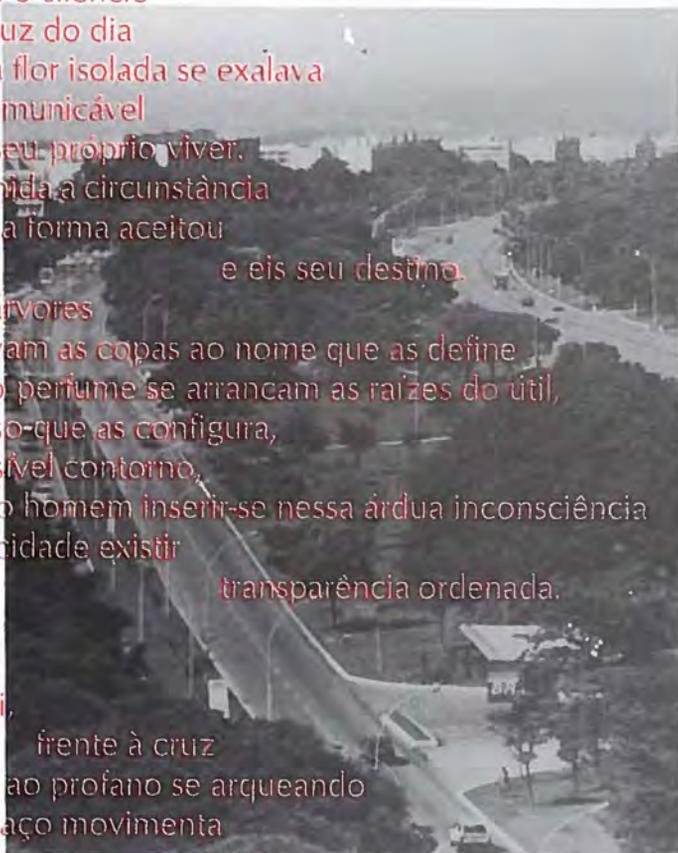
metódicas
para o silêncio
e à luz do dia
uma flor isolada se exalava
incomunicável
no seu próprio viver.
Colhida a circunstância
outra forma aceitou

e eis seu destino.
As árvores
curvam as copas ao nome que as define
e do perfume se arrancam as raízes do útil,
senso que as configura,
invisível contorno,
até o homem inserir-se nessa árdua inconsciência
e a cidade existir

transparência ordenada.
II
Aqui,
frente à cruz
que ao profano se arqueando
o braço movimenta
e voa

ancorada,
construo-me ao teu contato.

Ser no deserto
ordem no inerte
contraforte
da possessão do mar,
ó numerosa,
somos a razão vulnerável de te achar
una
após tantas mãos agitadas.
Eras de pedra



até o momento da nossa anuência,
ausência
das vozes pronunciadas sobre as tuas formas
como um signo inscrito,
rito
que o espaço irrompe
quando
nua clara precisa
a saudade enfim te enlaçou
de frêmito e ânsia.
Em nosso território repetimos
teu puro existir
e assim nos arrastas, consentida,
razão edificada



Adias nossa tristeza
(dona estranha das coisas)
até o momento em que
de vida
inserimos o espaço
e ao trabalho somamos tua nova energia
iluminando a noite,
frente a nós
moradora dos páramos sombrios,
mas posta agora aqui
com rutilância,
vencida
e imensa.





Brasília é construída na linha do horizonte. Brasília é artificial. (...)

Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil: eles ergueram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério. – Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer. Ai que medo. – Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, dois homens solitários. (...)

Brasília é de um passado esplendoroso que já não existe mais. Há milênios desapareceu esse tipo de civilização. No século IV a.C. era habitada por homens e mulheres louros e altíssimos que não eram americanos nem suecos e que faziam ao sol. Eram todos cegos. É por isso que em Brasília não há onde esbarrar. (...)

Foi construída sem lugar para ratos. Toda uma parte nossa, a pior, exatamente a que tem horror de ratos, essa parte não tem lugar em Brasília. Eles quiseram negar que a gente não presta. Construção com espaço calculado para as nuvens. O inferno me entende melhor. Mas os ratos, todos muito grandes, estão invadindo. Essa é uma manchete invisível nos jornais. – Aqui eu tenho medo. – A construção de Brasília: a de um Estado totalitário. – Este grande silêncio visual que eu amo. (...)

Clarice Lispector

Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não tinha lugar. – É uma praia sem mar. – Em Brasília não há por onde entrar, nem há por onde sair. (...)

Uma prisão ao ar livre. De qualquer modo não haveria para onde fugir. Pois quem foge iria provavelmente para Brasília. – Prenderam-me na liberdade. (...)

Vou embora. (...) Mas sei que voltarei. Sou atraída aqui pelo que me assusta em mim.

Nos primeiros dois dias fiquei sem fome. Tudo me parecia que ia ser comida de avião. (...)

A cidade de Brasília fica fora da cidade. (...)

Essa beleza assustadora, esta cidade, traçada no ar. (...)

Só Deus sabe o que acontecerá em Brasília. É que aqui o acaso é abrupto. – Brasília é mal-assombrada. É o perfil imóvel de uma coisa. – De minha insônia olho pela janela do hotel às três horas da madrugada. Brasília é a paisagem da insônia. Nunca adormece. – Aqui o ser orgânico não se deteriora. Petrifica-se. – Eu queria ver espalhadas por Brasília quinhentas mil águias do mais negro ônix. – Brasília é assexuada. – O Primeiro instante de ver é como certo instante da embriaguez: os pés não tocam na terra. – Como a gente respira fundo em Brasília. Quem respira começa a querer. E querer é que não pode. Não tem. Será que vai ter? É que não estou vendo onde. – Não me espantaria cruzar com árabes na rua. Árabes antigos e mortos. – Aqui morre minha paixão. E ganho uma lucidez que me deixa grandiosa à toa. Sou fabulosa e inútil, sou de ouro puro. E quase mediúnica. – Se há algum crime que a humanidade ainda não cometeu, esse crime novo será aqui inaugurado. E tão pouco secreto, tão bem adequado ao planalto, que ninguém jamais saberá. – Aqui é o lugar onde o espaço mais se parece com o tempo. – Tenho certeza de que aqui é o meu lugar certo. Mas é que a terra me viciou demais. Tenho maus hábitos de vida. – A erosão vai desnudar Brasília até o osso. – O ar religioso que senti desde o primeiro instante, e que neguei. Esta cidade foi conseguida pela prece. Dois homens beatificados pela solidão me criaram aqui de pé, inquieta, sozinha, a esse vento. – Fazem tanta falta cavalos brancos soltos em Brasília. De noite eles seriam verdes ao luar. – Eu sei o que os dois quiseram: a lentidão e o silêncio, que também é a ideia que faço da eternidade. Os dois criaram o retrato de uma cidade eterna. – Há alguma coisa aqui que me dá medo. Quando eu descobrir o que me assusta, saberei também o que amo aqui. (...)

E tudo o que eu amo é arriscado. – Em Brasília estão as crateras da Lua. – A beleza de Brasília são as suas estátuas invisíveis.

Fiz Brasília em 1962. Escrevi sobre ela o que foi agora mesmo lido. E agora voltei doze anos depois por dois dias. E escrevi também. Ai vai tudo o que eu vomitei. (...)

Brasília é uma cidade abstrata. E não há como concretizá-la. É uma cidade redonda e sem esquinas. Também não tem boteco para a gente tomar um catezinho. (...) Em Brasília não existe cotidiano. A catedral pede a Deus. São duas mãos abertas para receber. Mas Niemeyer é um irônico: ele

ironizou a vida. Ela é sagrada. Brasília não admite diminutivo. Brasília é uma piada estritamente perfeita e sem erros. E a mim só me salva o erro.

A igreja de São Bosco tem vitrais tão esplêndidos que me quedei muda sentada no banco, não acreditando que fosse verdade. (...) Meu Deus, mas que riqueza. Os vitrais têm luz de música de órgão. Essa igreja tão assim iluminada é no entanto acolhedora. O único defeito é o inusitado lustre redondo que parece coisa de novo rico. A igreja ficaria pura sem o lustre. Mas que é que se há de fazer? Ir de noite, bem no escuro, roubá-lo? (...)

Paro um instante para dizer que Brasília é uma quadra de tênis. (...)

A luz de Brasília me deixou cega. Esqueci os óculos escuros no hotel e fui invadida por uma terrível luz branca. Mas Brasília é vermelha. E é completamente nua. Não há jeito da gente não ser exposta nessa cidade. (...)

Brasília nua me deixa beatificada. E doida. Em Brasília tenho que pensar entre parênteses. Me prendem por viver? É isso mesmo. (...)

Agora me pergunto: se não há esquinas, onde ficam as prostitutas de pé fumando? ficam sentadas no chão? E os mendigos? têm carro? pois só se pode andar de carro lá.

A luz de Brasília leva às vezes ao êxtase e à plenitude total. Mas também é agressiva e dura – ah, como eu gostaria da sombra de uma árvore. Brasília tem árvores. Mas ainda não convencem. Parecem de plástico.

Vou agora escrever uma coisa da maior importância: Brasília é o fracasso do mais espetacular sucesso do mundo. Brasília é uma estrela espatifada. Estou abismada. É linda e é nua. O despudoramento que se tem na solidão. Ao mesmo tempo fiquei com vergonha de tirar a roupa para tomar banho. Como se um gigantesco olho verde me olhasse implacável. Aliás Brasília é implacável. Senti-me como se alguém me apontasse com o dedo: como se pudessem me prender ou tirar meus documentos, a minha identidade, a minha veracidade, o meu último hálito íntimo. (...)

Mas quero voltar, quero tentar decifrar o seu enigma. (...)

Será que alguém morre em Brasília? Não. Nunca. Nunca ninguém morre porque lá não se pode fechar os olhos. Lá há hibernação: o ar deixa uma pessoa entorpecida durante anos, uma pessoa que depois vive de novo. O clima é desafiador e chicoteia um pouco a gente. Mas falta magia em Brasília, falta macumba. (...) Tudo lá é as claras e quem quiser que se vire. Embora os ratos adorem a cidade. Qual será a comida deles? ah, já sei: eles comem carne humana. Escapei como pude. E parecia teleguiada. (...)

Adoro Brasília. É contraditório? Mas o que é que não é contraditório? Só se anda de carro pelas ruas despovoadas. (...)

Lá as pessoas se jantam e se almoçam – é para ter gente que as povoe. Isto é bom e muito agradável. É a humanização lenta de uma cidade que por algum motivo oculto é penosa. (...)

Como será quem nasce em Brasília quando crescer e virar homem? Porque a cidade é habitada por forasteiros nostálgicos. Os exilados. Os que nascem lá serão o futuro. Futuro faiscante como aço. Se eu ainda estiver viva, aplaudirei o produto estranho e altamente novo que surgirá. Será proibido fumar? Será proibido tudo, meu Deus? Brasília parece uma inauguração. Todos os dias é inaugurada. (...)

Quem me quer em Brasília? Então quem me quiser que me chame. Não já, porque ainda estou atordoada. Mas daqui a algum tempo. A serviço. Brasília é a serviço. (...)

Brasília é tempo integral. Tenho medo, pânico dela. É lugar ideal para se tomar sauna. Sauna? Sim. Porque lá não se sabe o que fazer de si. Olha para baixo, olha para cima, olha para o lado – e a resposta é um berro: nãããããã!

Brasília dá um fora na gente que mete medo. Por que me sinto tão culpada lá? que foi que fiz? e por que não ergueram bem no centro da cidade um grande Ovo branco? É que não tem centro. Mas o Ovo faz falta. (...)

Em Brasília não se tem praticamente onde cair morto. Mas tem uma coisa: Brasília é proteína pura. Eu disse ou não disse que Brasília é uma quadra de tênis? Pois Brasília é sangue numa quadra de tênis. E eu? onde estou? eu? pobre de mim, com o lençol manchado de escarlate. Me mato? Não. Vivo como bruta resposta. Estou aí para quem me quiser. (...)

Será que eu já disse que em Brasília não se vive? se mora. (...)

Por favor me desculpem os que moram em Brasília por eu estar dizendo o que forçadamente digo, eu, uma humilde escrava da verdade. Não quero ofender ninguém. É apenas uma questão de luz branca demais. Tenho olhos sensíveis, fico invadida pela claridade alva e tanta terra vermelha. (...)

Fora disso, viva Brasília! Eu ajudo a hastear a bandeira. E perdão a bofetada que me dão no meu rosto pobre. (...)

No ano 2000 vai ter festa lá. Se eu ainda estiver viva, quero participar da alegria. Brasília é uma alegria geral exagerada. Um pouco histérica, é verdade, mas não faz mal. (...)

Lá tudo funciona como deve. Brasília me encerra em ouro. (...)

Mas tem hora que vou lhe dizer, meu amigo, tem hora em que Brasília é um cabelo na sopa. Sou muito ocupada. Brasília, vá para o diabo e me deixe em paz. Brasília fica em lugar nenhum. A atmosfera é de indignação e você sabe por quê. Brasília: antes de nascer já nasceu, a prematura, a



nascitura, o feto, eu enfim. Ai que safadeza.

Em Brasília não entra qualquer um, não. É preciso nobreza, muita sem-vergonhice e muita nobreza. Brasília não é. É apenas o retrato de si própria. Eu te amo, oh extróxima! oh palavra que inventei e que não sei o que quer dizer. (...)

Brasília é o contrário da Bahia. Bahia é nádegas. (...)

Você me incomoda, ó gélida Brasília, pérola entre os porcos. Oh apocalíptica. (...)

Brasília diz que quer mas não quer: negaceia. Brasília é um dente quebrado bem na frente. E é cúpula também. Tem um motivo principal. Qual é? segredo, muito segredo, sussurros, cochichos e chichos. Diz-que-diz que não acaba mais. (...)

Brasília é o inferno paradisíaco. É uma máquina de escrever: toc-toc-toc. Quero dormir! me deixem em paz!!! Estou can-sa-da. De ser in-com-pre-en-sí-vel. (...)

Sabe qual é a resposta de Brasília ao meu pedido de socorro? É oficial: aceita um cafezinho? E eu? fico sem socorro? (...)

Brasília é um pontapé no traseiro. É lugar para português enriquecer. (...)

Mas Brasília é a espera. E eu não agüento esperar. (...) Quero esquecer Brasília mas ela não deixa. Que ferida seca. Ouro. Brasília é ouro. Jóia, físcante. Tem coisa sobre Brasília que eu sei mas não posso dizer, não deixam. (...)

Alô! Alô! Brasília quero resposta, tenho pressa, acabo de assumir a minha morte. (...)

Lembram que falei na quadra de tênis com sangue? Pois o sangue era meu, o escarlata, os coágulos eram meus.

Brasília é corrida de cavalos. Eu não sou cavalo não. Que Brasília se dane e corra sozinha sem mim. (...)

São quinze para as seis. Hora nenhuma. (...) Feliz aniversário, Brasília. Brasília é um suicídio em massa. (...)

Cidade sem medo, essa, Deus é a hora. Vou durar ainda. Ninguém é imortal. Vê lá se encontra um que não morre. (...)

Olha, Brasília, fui embora. E que Deus me acuda. É que sou um pouco antes. E só isso. Juro por Deus. E sou um pouco depois também. Que é que há de se fazer. Brasília é vidro partido no chão da rua. Cacos. Brasília é ferrinho de dentista. É muito motocicleta também. Sem deixar de ser ova de peixe, bem frita e bem salgada. Acontece que sou tão ávida da vida, tanto quero dela e aproveito-a tanto e tudo é tanto – que me torno imoral. Isso mesmo: sou imoral. Que bom ser imprópria até dezoito anos. (...)

Brasília é o mistério classificado em arquivos de aço. Tudo lá se classifica. E eu? quem sou? como é que me classificaram? Deram-me um número? Sinto-me numerificada e toda apertada. Mal caibo dentro de mim. (...)

Está se vendo que não sei descrever Brasília. Ela é Júpiter. É palavra bem aplicada. É gramatical demais para o meu gosto. (...)

Brasília é um aeroporto. Os alto-falantes anunciando fria e cortesmente a partida dos aviões.

Que mais? é que não se sabe o que fazer em Brasília. Só fazem os que trabalham danadamente, os que danadamente fazem filhos e danadamente se reúnem em jantares de grandes delicadezas. (...)

Em Brasília dá vontade de ser bonita. Tive vontade de me

enfeitar. Brasília é arriscada e eu amo o risco. (...) Só que não agüento essas ruas redondas, essa falta vital de esquinas (...)

Como e quanto fumei em Brasília! Brasília é cigarro Hollywood com filtro. (...)

Brasília é barulho de gelinho no copo de *whisky*, às seis horas da tarde, hora de ninguém. (...)

Brasília é Ceará ao avesso: ambos contundentes e conquistadores. (...)

Brasília é uma nota de 500 cruzeiros que ninguém quer trocar. E o centavo número 1? esse reivindico para mim. É tão raro. Dá boa sorte. E dá privilégio. Quinhentos cruzeiros me atravessam a garganta. (...)

Brasília é Lei Física. Relaxe-se, minha senhora, tire a cinta, não se afobe, tome um golinho de água com açúcar – e então experimente ser um pouco a Lei Natural. A senhora vai se deleitar. (...)

Pois não é que passaram água oxigenada no chão de Brasília. Pois passaram: para desinfetar. Mas eu sou, graças a Deus, bem infectada. (...)

E assim vai se indo. Estou de repente muda e sem assunto. Respeitem o meu silêncio. (...)

Em Brasília não sonhei. Será culpa minha ou em Brasília não se sonha? (...)

São quase seis horas da manhã. Acordei as quatro da madrugada. Estou alerta. Brasília é alerta. Prestem atenção ao que digo: Brasília não vai terminar nunca. Eu morro e Brasília permanece. Com nova gente, é claro. Brasília é novinha em folha.

Brasília é Marcha Nupcial. O noivo é um nordestino que come o bolo inteiro porque está com fome há várias gerações. A noiva é uma velha senhora viúva, rica e rabugenta. Deste insólito casamento que assisti, forçada pelas circunstâncias, saí derrotada pela violência da Marcha Nupcial que parece Marcha Militar e que me mandou me casar também e eu não quero. Saí cheia de *band-aids*, com o tornozelo torcido, a nuca doendo e uma grande ferida me doendo no coração.

Tudo o que eu disse é verdade. Ou é simbólico. Mas que sintaxe difícil Brasília tem! (...)

Estou é com pena de Brasília porque ela não tem mar. Mas há maresia no ar. Banho de piscina eu desprezo. Banho de mar dá coragem. (...)

Brasília tem gnomos?

A minha casa no Rio está cheia deles. Todos fantásticos. Experimente um só gnomo e você fica viciado. Duende também serve. Anão? tenho pena. (...)

Um dia eu era criança que nem Brasília. E queria tanto um pombo-correio. Pra mandar carta para Brasília. Recebem? sim ou não? (...)

Sabe de muita coisa.

Estou tão perdida. Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço. (...)

Eu sei morrer. Morri desde pequena. E daí mas a gente finge que não dói. Estou com tanta saudade de Deus.

E agora vou morrer um pouquinho. Estou tão precisada. Sim. Aceito, *my Lord*. Sob protesto.

Mas Brasília é esplendor.

Estou assustadíssima.

Íntegra límpida cal

□ CLOVIS SENA

plenas paredes brancas
íntegra límpida cal
concreto aparente
e o translúcido vidro
mãos somadas em concha
da fonte das pedras
dimana água matriz
e de Falerno o vinho
falerno de Opímio
ânforas de falerno

o melhor é memorável
é nardo puro nardo
vaso de alabastro
xaxim de outras eras
xaxim samambaias
sol sombra e alvoradas
e água: mãos em concha
no gestual o carisma.



Crônica **elegíaca** de Brasília

□ FERNANDO MENDES VIANNA

IV

Um dia os edifícios se reergueram de repente.
 Houve um frêmito igual a um vento em nervos mortos.
 Mas a índia adolescente havia falecido.
 O trabalho não era aquele entusiasmo. Pasmado
 com teu colapso, estava teu homem ainda esputefato.
 Só via recordações. E a saudade aboiava no cerrado.
 Aonde a índia simples, alegre, árdua e dadivosa?
 Aonde os amantes de primeira hora, os bravos?
 Agora a febre era fria. Seu nome: progresso.
 E te consolidaram, te colaram os ossos quebrados,
 convalesceste e te levantaste. Porém triste,
 Eras um espectro com aparência de gente,
 eras Lázaro. Não sabíamos o tamanho da surpresa
 dupla - de tua morte e de tua ressurreição.
 Ninguém media a mistura de tristeza e alegria.
 Chorávamos e ríamos por ti. Mas a adolescente bugre
 essa, estava morta. Se transformara em urbe,
 em vedete toda arrumada e competitiva.
 Ah, Brasília, não és cidade una!

V

Hoje és matrona bem burguesa e bem gorda,
 instalada frente a um aparelho de televisão.
 Estás mais úmida e tratada, mais branda e mais sabida.

Como era cativante tua carícia tosca e áspera!
 De vez em quando olhamos seus retratos antigos
 e recordamos o riso da índia nova e arisca.
 Muito poucos saem em busca de teu rosto primevo
 - a pele pura de astros na imensidão noturna.
 Teu silêncio, mal o recordamos. Mesmo alta noite
 roncam motores a lembrar a tua morte.
 Durante o dia és uma cidade como outra
 - freadas, engarrafamentos, gincanas, repartições.
 Foste repartida. Brasília, num esartejamento sábio.
 Tuas praças estão arrumadas, mas de que adianta?
 Só uma ou outra árvore primitiva subsiste.
 Apesar dessas belas maquetes quase marcianas,
 dos coloridos postais que despachamos,
 o teu rosto bugre era mais belo,
 ó índia morta, de carne dura, brônzea, solitária!

VI

Pra que tanto carro, pra que tanta loja, pra que
 tanto funcionário, para que tanto edifício? Ah,
 para que se cumpram os fados do progresso,
 para que se cumpra teu destino de cidade.
 E haja mais restaurantes, bares, mercados, conforto,
 e impem de orgulho os fãs do fatalismo tribal,
 e cresçam os ignorantes adolescentes que não te
 possuíram
 e as madames possam comprar novidades na butique,
 e os que te detestam sorriam com sarcástico desdém
 e citem as delícias do requinte das megalópoles.
 Ah, Brasília, minha saudade não se consola
 com tanta coisa nova. Tanta coisa está morta!
 Confesso que por isso, em tua memória - adolescente
 enterrada, desaparecida tão cedo de nossos olhos -
 por tudo isso eu te amo quase sempre à noite.
 Sem o verde que enfeita a tua pele primitiva.
 Quando não vejo os badulaques de tua nova cara.
 Embora os postes de mercúrio - estranhas garças
 fantasmais, enormes, grotescas - não permitam,
 não permitam, ó índia morta, que eu esqueça
 que tu és uma cidade, cidade, cidade!



Verdadeira Arte

□ MARCELO NEMER XAVIER

Bela de formato desigual

Rica arquitetura que seduz

Armazena pôr do Sol cheio de luz

Simples como o vôo do pardal.

Invulnerável pela sua posição

Leve como a pena do cocar

Ilhada capital dessa nação

Arte é o prazer de te amar.

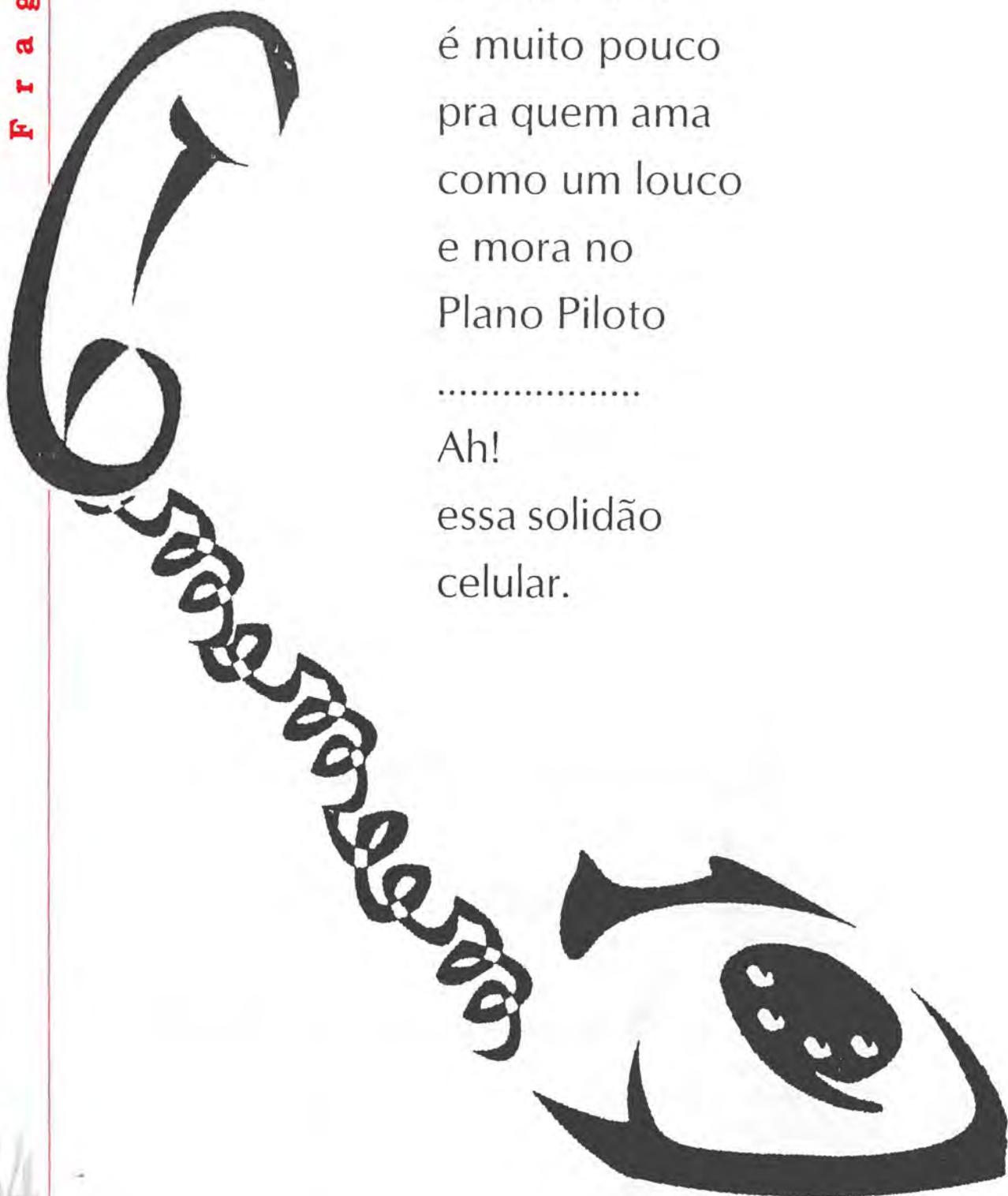


□ RENATO MATOS

Um telefone
é muito pouco
pra quem ama
como um louco
e mora no
Plano Piloto

.....

Ah!
essa solidão
celular.



BRASÍLIA

(A Gelsa e Álvaro Ribeiro da Costa)



□ SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Brasília

Desenhada por Lúcio Costa, Niemeyer e Pitágoras

Lógica e lírica

Grega e brasileira

Ecumênica

Propondo aos homens de todas as raças

A essência universal das formas justas

Brasília despojada e lunar como a alma de um poeta muito

|jovem

Nítida como Babilônia

Esguia como um fuste de palmeira

Sobre a lisa página do planalto

A arquitetura escreveu a sua própria paisagem

O Brasil emergiu do barroco e encontrou o seu número

No centro do reino de Ártemis

- Deusa da natureza inviolada -

No extremo da caminhada dos Candangos

No extremo da nostalgia dos Candangos

Atena ergueu sua cidade de cimento e vidro

Atena ergueu sua cidade ordenada e clara como um

|pensamento

E há nos arranha-céus uma finura delicada de coqueiro

JK não era JC

□ TT CATALÃO

**mas pregou no deserto
enquanto o candango
pregava prego no concreto
deste poema concerto**

armado pleno piloto de
planos e arquiteturas
brasília implantada ao
ermo desarmado deste sertão
goyases capaz de suportar
baixarias, vícios, acinte,
infâmia, vilanias e ditaduras.

Um JK não acontece
por acaso
neste país que teme o futuro
por ser tão sempre
escravo feito bife
mal passado do seguro
neste país que forja
estadista no bojo
da grana, curvo de propinas
que avilta o voto até
o nojo
dando lotes e calotes
manipulam o peão
pelo dormido
e marketeiro pão.

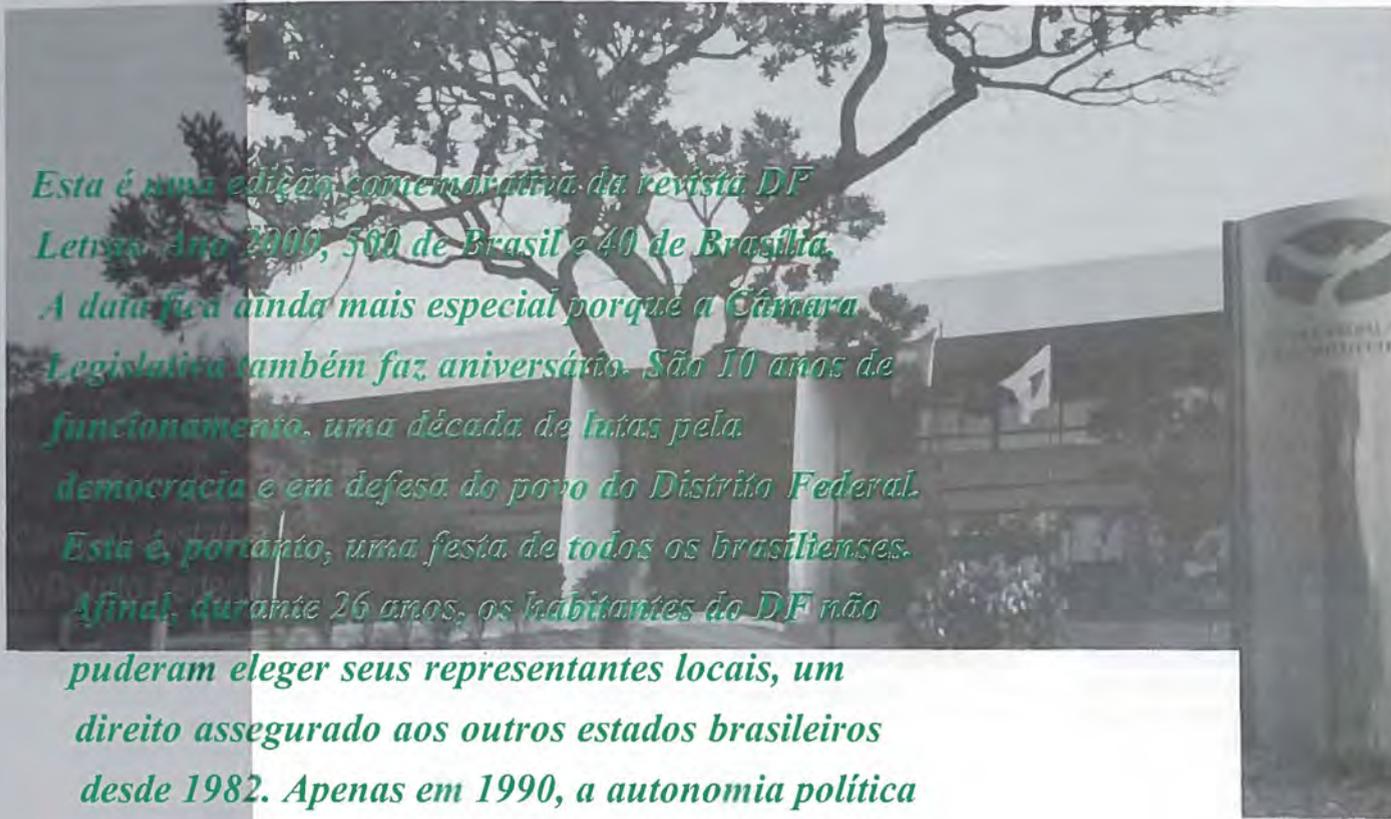
JK, agora
o que fazer?
O que nos custa
tanto fazer
do projeto
um objeto
desta bastilha
outra brasília



volta à origem,
vivo espectro
entre fúria e fantasia
entre verve e vertigem.
Jkarma de tantos
hoje monumento
sepulcro ainda levanta
o país adormecido
tédio litoral
vindo na marra, no cacete
chutando barracos do Catete
pra despachar sacana
no tapete de mato cerrado
Boêmio de Catetinho
entre pios chios e riachos



10 anos de democracia



Esta é uma edição comemorativa da revista DF Letras. Ano 2000, 500 de Brasil e 40 de Brasília. A data fica ainda mais especial porque a Câmara Legislativa também faz aniversário. São 10 anos de funcionamento, uma década de lutas pela democracia e em defesa do povo do Distrito Federal. Esta é, portanto, uma festa de todos os brasilienses. Afinal, durante 26 anos, os habitantes do DF não puderam eleger seus representantes locais, um

direito assegurado aos outros estados brasileiros desde 1982. Apenas em 1990, a autonomia política foi finalmente consolidada, com a primeira eleição direta para governador, senadores, deputados federais e distritais.

Para Brasília, o presente não poderia ser melhor. Para a Câmara Legislativa, é a oportunidade de ouvir a população. Todos os 24 deputados distritais, que trazem aqui sua mensagem, acreditam que quanto mais organizada, consciente e exigente for a sociedade, mais a composição e atuação do Legislativo serão capazes de corresponder às suas expectativas, com a criação de leis guiadas sempre pelo interesse da maioria.

Wilson Lima

PSD



Meu presente para Brasília, nesses 40 anos, é um pouco mais de cidadania

e respeito aos moradores e visitantes da cidade. Refiro-me a dois projetos de lei, de minha autoria, aprovados recentemente na Câmara Legislativa. O primeiro multa as instituições que deixarem os clientes esperando em filas por mais de 30 minutos. Em bancos, esse prazo se reduz para 20 minutos, com exceção para dias de pagamento e próximos a feriados. O segundo concede benefício de meio salário mínimo às famílias que adotarem crianças de orfanatos, valor acrescido para órfãos acima de quatro anos. Esses projetos são culturais, exigem respeito e conscientização da sociedade. **PARABÊNS, BRASÍLIA!**

Wasny de Roure

PT



Já tomamos providências para produzir, em parceria com entidades da sociedade

civil, a "Carta de Brasília 2000", que conterà os pontos principais da atuação do governo e iniciativa privada, para a expansão da capital da República, sem ferir suas peculiaridades de patrimônio tombado nacional e internacionalmente. Não há oportunidade melhor que as comemorações dos 40 anos de Brasília para o lançamento desse projeto, um instrumento ousado e criativo de preservação arquitetônica, urbana, social e cultural da capital. Que cidade queremos para os nossos filhos? Uma cidade cheia de vícios, equívocos e aberrações, ou uma cidade plenamente consciente de que é preciso zelar pela qualidade de vida de sua população?

Gim Argello

PFL



Brasília não é mais a cidade tranqüila da década de 60, quando

aqui cheguei com meus pais, ainda menino. A cidade cresceu. Está completando 40 anos e já traz os conflitos da maturidade. Invasões, carência de escolas e de hospitais, desemprego e violência são algumas das mazelas dos tempos atuais que atingem a população brasiliense, de dois milhões de habitantes. Sim, Brasília continua linda, com seus monumentos e palácios, mas os problemas precisam ser pensados com rigor por todos nós, governantes e brasilienses.

Benício Tavares

PTB



Quarenta anos de existência para uma cidade pode até parecer pouco. Não,

quando o assunto é a capital federal. Ao longo destes anos Brasília traçou belas linhas na história do nosso também jovem país. Em mais dez anos de serviços dedicados aos cidadãos brasilienses, principalmente àqueles com necessidades especiais, venho lutando para realizar um sonho – que Brasília seja a capital modelo de respeito à cidadania do portador de deficiência. Nutro a certeza de que a terra prometida, vista em sonho por Dom Bosco, seja um símbolo capaz de comprovar que facilitar ao portador de deficiência a realização de tarefas simples do dia-a-dia o torna um cidadão produtivo que tem muito a contribuir para o engrandecimento desta Brasília.

Sílvio Linhares

PMDB



Quero criar o Festival Brasiliense de Música Popular e, também,

tornar gratuitos 10% da lotação dos teatros no Distrito Federal para estudantes da rede oficial de ensino fundamental e médio. Tais iniciativas constituem dois projetos de lei, distintos, que tramitam na Câmara Legislativa. Ambos têm aspectos de relevo à cultura, e são exemplos de determinação em atender os interesses da comunidade. Em quase um ano de trabalho parlamentar, elaborei mais de trezentas propostas diferentes (entre projetos, moções, requerimentos, etc.) na Câmara. Nove destas propostas já viraram leis.

Edmar Pireneus

PMDB



O Distrito Federal tem-se mostrado um grande centro difusor de

cultura para todo o país. Daqui surgiram artistas das mais diversas áreas de atuação que hoje se destacam no cenário nacional. Pensando em valorizar nossa cultura, o deputado Edmar Pireneus apresentou projeto de lei que visa incluir a produção literária brasiliense no currículo das escolas públicas do DF, como meio de incentivo à promoção artístico-literária local. Este projeto vem regular proposta já existente na Lei Orgânica do DF. Para Edmar Pireneus, é importante que o governo dê o suporte suficiente para alavancar a produção literária e possibilitar o acesso da população a essas obras.

Adão Xavier

PPB



O art. 246 da Lei Orgânica preceitua que o Poder Público garantirá a

todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura, apoiando e incentivando a valorização e difusão das manifestações culturais. Assim sendo, fui autor da Lei nº 1.599/97 que "cria o Programa Cultural de Concertos e de Música Instrumental no Distrito Federal". É uma iniciativa voltada para a cultura, incluindo obrigatoriamente a programação da Orquestra do Teatro Nacional Cláudio Santoro, pelo menos uma vez por mês em qualquer uma das Regiões Administrativas do DF. Esta lei busca colocar à disposição da comunidade mais uma alternativa cultural, coisa a que raramente a comunidade tem acesso.

José Rajão

PSDB



Há quarenta anos, a capital federal brotou no cerrado, e vem sendo

testada em seus limites arquitetônicos e políticos. Reuniu trabalhadores vindos de todos os cantos do país. Contribuir para o seu desenvolvimento é motivo de orgulho. Nesse sentido, criei o Colégio Militar Dom Pedro II (Lei nº 2.393/99), de ensino fundamental, para filhos de policiais militares, civis e bombeiros, com até 30% das vagas cedidas para a comunidade. E mais: a Vila Militar, que vai abrigar policiais militares e bombeiros, com construção a ser iniciada neste semestre, foi confirmada pelo governador Roriz. Sou grato a Deus por ter permitido a criação desta cidade tão perfeita, por fazer parte de seu povo, por seus 40 anos tão bem vividos.

Paulo Tadeu



PT

O trabalho realizado pelos produtores musicais do DF e Entorno

passará a ser mais valorizado a partir da aprovação de um projeto de lei que será apresentado pelo deputado Paulo Tadeu (PT/DF). O projeto prevê a obrigatoriedade de as estações de rádio do DF veicularem, em pelo menos 5% de sua programação, produções musicais, de autores locais. Hoje, os autores locais encontram dificuldades em competir com as estruturas das grandes gravadoras. O projeto, além de contribuir para a divulgação do trabalho do artista, incentiva novos talentos e, ao mesmo tempo, cria um mercado de trabalho de prestação de serviços na área de apoio a essas produções.

Maria José - Maninha



PT

Creio que a maior preocupação da população de Brasília,

nos seus 40 anos, é preservar a cidade diante da ocupação irregular de terras públicas, que atenta contra o meio ambiente e o bem-estar de seus moradores e só favorece os interesses políticos daqueles que estão no poder. Ainda moramos numa cidade privilegiada, mas a violência nos cerca e está cada dia mais próxima. Vamos festejar a maturidade de Brasília, mas vamos brigar para que ela não envelheça doente e decadente. A gestão dos espaços urbanos e do nosso solo deve ser realizada com a grandeza de quem pensa na eternidade, e não no momento fugaz e atendendo a caprichos de determinados governos.

César Lacerda



PTB

Cheguei a Brasília nos idos de 1957, atraído pelo sonho de JK de construir,

na imensidão do Planalto Central, a Capital de todos os brasileiros. Este acontecimento me encheu de alegria e esperança, pois vi naquela iniciativa a possibilidade de desenvolvimento para a Região Centro-Oeste, que era, até então, abandonada e subdesenvolvida. Sempre acreditei nas possibilidades de Brasília, no seu futuro, na sua gente. Brasília, aos 40 anos, convive com os mesmos problemas que afetam outros grandes centros urbanos. Para resolvê-los é necessário criatividade, determinação e coragem, pois somente assim poderemos assegurar dias melhores para as futuras gerações.

Jorge Cauhy



PMDB

Brasil, coração do mundo, Pátria do Evangelho.

500 anos de glória e de luz espiritual. Marcha, Brasil, para o progresso. Brasília, 40 anos, centro do coração do mundo, Pátria do Evangelho, cuja harmonia plantada estende a luz divina do Cristo para toda a humanidade.

Alírio Neto



PPS

Há 35 anos, mantenho uma relação de amor e gratidão com Brasília,

cidade que me acolheu ainda menino, quando vim do Piauí. Aqui me criei, iniciei meus estudos e entrei para a idade adulta enfrentando precocemente o primeiro emprego, como office-boy na Câmara dos Deputados. Hoje, grande parte do que eu sou devo a esta cidade, que começa a se deparar com os percalços da idade: inchaço populacional, falta de emprego, violência. A melhor maneira de agradecer por tudo que esta cidade tem dado é continuar trabalhando, pela melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e pelo desenvolvimento sustentável de Brasília.

Anilcéia Machado



PSDB

Feliz aniversário, Brasília!

Bom dia minha cidade Rara jóia do meu País Amo-te e à tua gente Simples e hospitaleira. Ilha da Fantasia estás Longe de ser. Igual a ti, porém, não existe Agora e nem daqui a 400 anos.

Dou graças como brasileiro do coração.

Feliz aniversário, Brasília!

José Tatico



PMDB

Os problemas sociais agravam-se a cada dia. Já é hora de

nos desligarmos dos nossos interesses pessoais e trabalharmos em prol de uma sociedade justa. De nada adianta a discussão buscando responsáveis. É hora de agir! Ao completar 40 anos, Brasília destaca-se pelo crescente índice de desemprego e violência. Nós, parlamentares escolhidos pelo povo, independente de nossas legendas, devemos discutir propostas viáveis para a solução do problema. Será essa a nossa meta para os próximos anos de mandato.

Daniel Marques



PMDB

O deputado Daniel Marques está buscando

garantir espaço para os artistas domiciliados no Distrito Federal. O Projeto de Lei nº 2.498/96 "torna obrigatória, na apresentação de artistas de outras unidades da federação ou de outros países, em próprios do GDF ou sob suas expensas, a prévia apresentação de artistas domiciliados no Distrito Federal." Se aprovada a proposta do deputado Daniel Marques, além de espaço, haverá a garantia de público e de intercâmbio cultural.

Agrício Braga



PFL

Baiano de nascimento, brasileiro de adoção. Aprendi a amar e defender Brasília como

se fosse minha cidade natal. Além de acolhedora, é a cidade das oportunidades. Uns menos, outros mais, o certo é que todos os migrantes que não encontraram oportunidade de emprego, de escola, de moradia, conseguiram seu espaço em Brasília. Por isso, esta deve ser a cidade mais amada deste país, e seus 2 milhões de habitantes têm todos os motivos para comemorar os 40 anos daquela que é, também, a mais moderna e mais linda cidade do mundo. Como parlamentar, tenho me esforçado para contribuir com o engrandecimento de Brasília, propondo leis que melhorem a qualidade de vida de sua gente. Entendo que um povo que pratica esporte, por exemplo, é mais alegre, mais equilibrado e mais saudável.

Rodrigo Rollemberg



PSB

Brasília, cidade parque. De gramados amplos, generosos. De

flambojantes vermelhos, chocantes. De quaresmeiras roxas, vibrantes. De ipês amarelos, transbordantes. De sucupiras brancas, alvejantes. De bouganvilles multicoloridas, impressionantes. De sibipirunas verdes sempre. Brasília, cidade parque. Cidade parto. Lembro-me de seu início. As sirenes das obras. Os candangos com suas marmítas, aproveitando a hora do almoço para um cochilo embaixo das árvores ou para uma rápida pelada. Cidade vermelha do barro e da poeira do cerrado que foi ficando verde pelas mãos dos homens. Homens simples, homens rudes, homens esperançosos, homens, patrimônio cultural da humanidade.

João de Deus



PDT

Nos 40 anos de Brasília, o presente que dou ao nosso povo é o meu compromisso através de

leis de minha iniciativa que o defendam, como: a obrigatoriedade da colocação de etiqueta de preços ao lado do código de barras de produtos à venda nos estabelecimentos comerciais no DF; a gratuidade para expedição de 2ª via de identidade aos maiores de 65 anos, entre outras. Além de defender a cidadania dos Policiais Militares e Bombeiros Militares e um melhor serviço de segurança pública para nossa cidade, elaborar a lei que cria a Biblioteca das Nações, reconhecendo o status de Brasília no cenário internacional e propiciando à população, especialmente aos jovens, maior oportunidade de conhecimento dos demais países através da leitura. Parabéns, Brasília!

Lúcia Carvalho



PT

Quatro escritores brasileiros realizaram o sonho de ver suas obras publicadas.

Isso só foi possível graças à Lei nº 1.391/97, de autoria da deputada Lucia Carvalho, que instituiu a Bolsa Brasília de Produção Literária. A lei prevê que todo ano a Secretaria de Cultura selecionará por meio de concurso público seis escritores de variados gêneros e arcará com o ônus financeiro da publicação. A lei prevê ainda o pagamento de um prêmio em dinheiro para cada escritor selecionado. Este ano a Secretaria de Cultura editou 1.000 livros de cada autor, sendo que 30% serão distribuídos pela própria Secretaria para escolas e bibliotecas.

Aguinaldo de Jesus



PFL

Brasília, 40 anos de vida, capital da esperança, cidade que adotou-me e cujo povo confiou a mim um mandato de parlamentar. Luto 24 horas diárias pela melhoria bem como pelo crescimento ordenado de nossa cidade, pois Brasília ainda é uma criança, apesar de seus dois milhões de habitantes, e precisa de muito cuidado. Que o Senhor Jesus abençoe a você, Brasília, pois você merece.

Chico Floresta



PT

A dinâmica de crescimento urbano e ocupação do espaço fundiário do

Distrito Federal novamente traz impactos profundos, alguns irreversíveis, ao nosso meio natural. Crescem as ocupações irregulares, proliferam as ações de grileiros que loteiam desavergonhadamente as terras públicas, pululam projetos imobiliários do governo que rasgam qualquer diretriz urbanística ou ambiental. A maturidade dos 40 anos exige uma postura responsável para assegurar o futuro de Brasília. Neste aniversário de Brasília, nos 500 anos de Brasil, luto pela aprovação de projetos que possam assegurar a esta cidade os índices de qualidade de vida que já alcançamos e confirmar a esperança por um futuro melhor e mais justo para todo o povo.

Renato Rainha



PL

Infelizmente Brasília chega aos 40 anos com os mesmos problemas

enfrentados pelas grandes cidades brasileiras. Não somos a cidade idealizada por Juscelino e projetada por Lúcio Costa, que teria apenas 500 mil habitantes no ano 2.000. A violência é real e assola nossas famílias. Não podemos mais sair de casa com a certeza de que voltaremos. Apesar de tudo, devemos unir nossas forças para que tenhamos um futuro melhor. De minha parte, continuarei atuando na Câmara Legislativa em defesa dos interesses da população brasileira, no sentido de garantir uma melhor qualidade de vida para todos nós.

José Edmar



PMDB

Brasília foi criada para ser a capital do país e, ainda, para se tornar

pólo de desenvolvimento da região central do Brasil. O presidente Juscelino teve, com este propósito, a grande força para a mudança da capital federal. Passados quarenta anos de sua fundação, os brasileiros sentem que o sonho de JK está se concretizando: Brasília é hoje o centro de decisões do país e conta com população de dois milhões de habitantes. A obra, porém, deve prosseguir e isso compete a nós. Brasília tem apenas quarenta anos. Muitos são extremamente críticos com esta jovem cidade, mas precisam, também, ajudar-nos a torná-la mais humana e com menos desigualdades sociais.

água de beber, ribeirinhos
JK não era JC,
nem salvador,
muito menos libertário
das amarras, celas e elos
cadeias até hoje
subjugando
o país de patrões e operários
que se arrastam sob
o nosso mais nosso
e arrasam
o nosso mais belo.
JK cutucou feras
enquanto
beijava a língua das
onças pantaneiras
fazia cara de bobo
faraó seresteiro, cara-de-china
em forró sem bandeiras,
JK não era brincadeira.
Submetido aos vândalos
despóticos do milagre
JK um dia espalhou sua carne
nas ferragens
duvidosas de uma rodovia
cassado pela sórdida
engrenagem.
JK caía sem nunca
estar submisso.
e quem pensa ter derrotado JK
saiba que do gesto primário
nos traços do lúcido e curvas
desafiadoras do ar pelo valor
de seu povo e labor oscar
foi erguida não tão somente uma
cidade mas uma bastilha em processo...
Brasília-bastilha
mesmo sem decapitar
a perversa estrutura
do modelo abortivo de usura.
Escapou a cidade do papel

e fez-se lagos, passeatas, invasão,
demagogos, lotes, calotes, brilho,
luxúria, virtude, beleza e luz de um povo.
Fez-se e se faz pela lábia de quem mente
pelo lobby de quem vende mas também pelo
suor de quem a realmente faz.
Quem pensa ter eliminado JK
saiba que a cidade hoje confirma sua
grandeza sem soberania.
A cidade ainda vibra em seus canteiros
e sabe que mesmo sob o pesado
fardo candango, em quase semi-escravo
trabalho insano, a cidade terá esta marca
de mostrar que um povo quando se move
mostra que pode
e pode mais quando
vai além dos mandos e desmandos.
Sacode e brota à luz
truques trancos
por baixo dos panos.
O sonho do santo precisou da luta
para virar Plano. Nasceu leve mas brotou
do peso que até hoje combate pra não virar
pesadelo de cidade dominada por enganoso.
A cidade renasce em justiça
pelo compromisso nosso de
fazer acontecer no dia-a-dia
uma cidade de nome inanimada
chama amada Brasília
nossa busca permanente
da eterna e selvagem utopia
ainda que tardia
ainda que atada em pouca voz
abre as asas sobre os nós...
JK não era JC
mas o que seria do
mito se não fosse a certeza
da sua permanência, em mim,
em poucos, em raros,
nas sementes férteis,
feitas você?

*TT Catalão, eterno novo candango da Brasília em processo que jamais estará finda,
pois, sempre, alguém levantará: vamos ao que falta ainda?*



Em Brasília



na rodoviária

□ RUI RASQUILHO

Em Brasília na rodoviária
 Encosto-me à lanchonete sob a chuva tropical
 Os homens e as mulheres
 ocupam lugares nos ônibus
 Cinzentos
 violáceos
 e
 amarelos
 E recuperam nos seus rostos cansados
 A cor do seu transporte coletivo

Por entre os ônibus putas e travestis
 Movem-se como pássaros de aviário
 Protegidos do dilúvio pelo viaduto dos eixinhos
 Trespasado por velocíssimos automóveis

Há relâmpagos vindos de todas as direções
 Que se sobrepõem aos dos olhares dos transeuntes
 Refletidos nas imensas poças
 Construídas com a água

Empurrada pelo vento
 E pelos esgotos entupidos
 Da Via Monumental.
 Todos aqueles caminhos levam a qualquer lugar
 A tantos e todos os lugares que o sonho se torna
 Desprezivelmente desnecessário

Ao meu lado uma mulher jovem bebe um guaraná
 Enquanto um polícia militar devora literalmente um
 Bolinho de bacalhau junto do ponto para Taguatinga

Abrandou a tempestade
 A chuva cai agora lenta e oblíqua
 Atravesso a Esplanada dos Ministérios
 Vergado ao peso do silêncio

Acolho-me ao espaço anterior
 À terra vermelha
 Niemeyer cavalga um pégaso
 Ao longe sobre o lago

Ardem-me os olhos o braço tenso segura o estandarte
 A terra move-se
 Milhares de candangos avançam em malha
 Compacta pela W3
 Colocando nas palavras a estrutura da esperança

Inesperadamente uma superquadra nasce
 No extremo da Asa Norte na direção contrária
 À chuva
 Foi quando Lúcio Costa
 Encostado ao semáforo experimental
 Do Parque da Cidade
 Decidiu não haver nascido

BRASÍLIA (A Palaciana)

□ MARIA FÉLIX

A cidade dos palácios
 não tem muros
 Seus guardiões são
 homens invisíveis
 que tecem a história
 no porão do tempo

Tripulantes da nave-mãe
 Cidade verde de sonhos
 Madura de ambições

Suas ruas são apenas
 ruas despidas
 de esquinas e becos
 Braços eternos
 recebem a ardência
 do sol, o brilho da lua

Os palácios
 são casas brancas
 belas
 suspensas em arcos
 Arte concretizada
 Palco das ilusões



□ NICOLAS BEHR

SQS415F303

SQN303F415

NQS403F315

QQQ313F405

SSS305F413

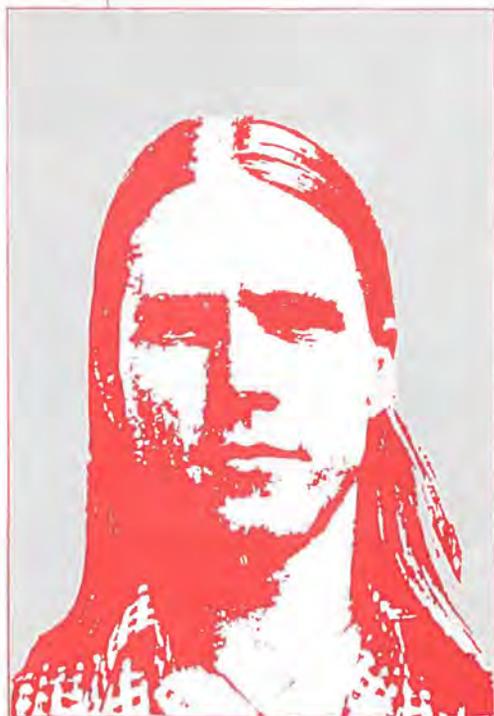
seria isso

um poema

sobre brasília?

seria um poema?

seria brasília?



Brasíliaambiente

□ BIC PRADO,
com Marcelo Dischinger

Distrito das aves

Em canto nas árvores

Patrimônio tombado da humanidade

Baixinhas, cascudas e tortas

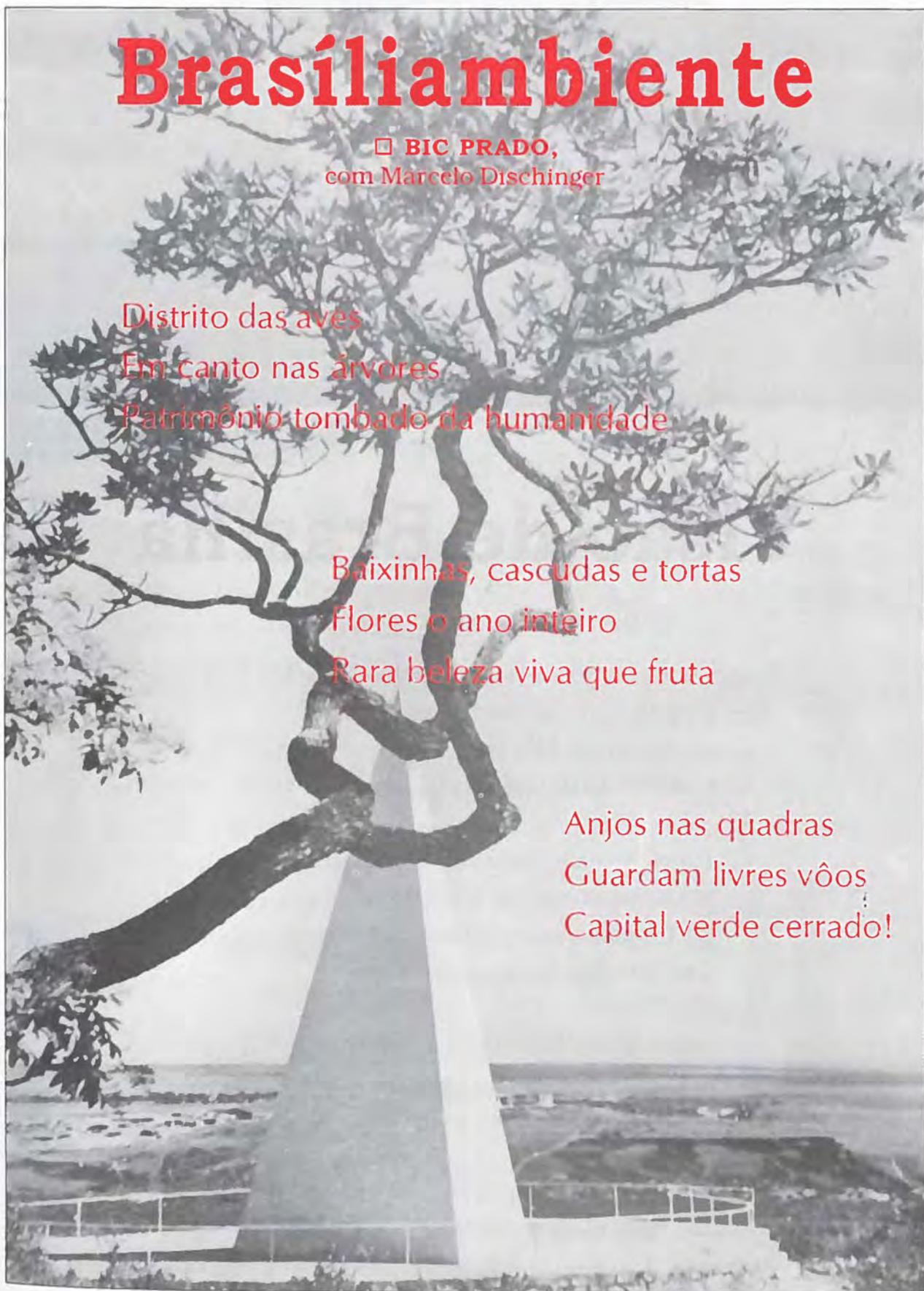
Flores o ano inteiro

Rara beleza viva que fruta

Anjos nas quadras

Guardam livres vôos

Capital verde cerrado!



Visão de Brasília

□ HENRIQUES DO CERRO AZUL

Quando ponho os meus olhos deslumbrados
Nesse milagre do trabalho humano,
Eu recordo aquele Hércules vesano
Com seus doze prodígios realizados.

A Grécia teve um só: rude e tirano!
- por todas as regiões, todos os lados,
Sua fama espalhou com os resultados
Que produziu seu esforço insano.

Que se dirá deste Brasil mais tarde,
Que a força a tantos Hércules anima,
Se a Grécia por um só fez tanto alarde?

Brasília é o testemunho de granito
Que eleva nossa Pátria muito acima
E da Grécia, Roma, Babilônia e Egito!

B r a s í l i a

□ MARIA LUCIA VERDI

Não me propus ser assim solta aberta evidente
 Viver a louca exposição da luz
 Não busquei meu cenário
 Meus labirintos são outros
 Pássaro, baixe à terra. Como domesticar-me?
 Em mimese de pássaro, eis agora o real
 A fuga que não há. A permanência.
 Permaneço.

Filha, sou mãe
 Mãe mentada, mãe traçada, mãe cimento e pedra
 Plana, onde esconder-me?
 Ouço sem tréguas, vejo sem descanso
 Ecos da dor em meu planalto.

Antes era a idéia
 Hoje, ferro concreto vidro
 Eu, matéria imaginária,
 centro separo decido discuto divido.
 Esta lógica não me pertence
 Eu, a cidade impossível, habitante de todos os homens
 Travestida.

(a idéia a reprodução da idéia
 e a vontade frouxa de deus
 entediados)





*sobre uma gravura
de paulo andrade-raoni,
o eterno retorno
para carmem luiza
a cidade inóspita
psicografando um lance
de turiba - o sol beija o neon*

A DIRIGIDA DAS LUZES

□ JOÃO BORGES



DE LETRAS

esta engrenagem nunca lhe deu nada

na gravura da luzcinza

o resquício o indício o rumor de um terceiro ou quarto milênio

alvorada justiça armistício da raça

tudo isso ouviu-se por aqui

o acaso e a fatalidade o eterno jogo de cena

a frieza das mãos a transpirar o ritmo do tempo

o eterno jogo do tempo (único deus de rosto limpo) onde o traço

de um vivente qualquer

está por unir as duas pontas do cordão

para que novamente ele arrebente

e se espalhe sob o foco de outras lentes

outros campos de possibilidades

esta cidade nunca lhe deu nada

o intelsat

lançou meus olhos sobre paris e madagascar

ó minha mãe

do choque de vozes tantas outras mais

como um relâmpago ao avesso (toda a luz

sobre um único ponto)

uma resultará que me resgate novo, este corpo que já será outro,

que minha carne vibre

mais que raios brilhe

o tempo apenas depura minha mente

de minhas mãos, o tempo, verniz sobre a bordura

o tempo, cartas de navegar

esta paisagem de sol entre metais e retinas

este sol queimando capins e retinas

este sol gravou no concreto uma feérica sorte forjou

esta paisagem que aqui me traz e me refaz diversa idêntica imagem

me reanima às vezes estrela cadente lâmina assassina

como o ladrão que retribui em dobro sua renda

na orgia das luzes, o sol beija o neon

digitais lançam flashes para mim

o sol amarelo amarillo douramilho

nesta terra raoni

o sol a terra, entre as estrelas planam enérgicas a sua asa nossa

voz à sombra de castanheiras.



Boas maneiras de cumprimentar Brasília

□ FRANCISCO ALVIM

Um amigo meu (que morreu)
dizia: Brasília?
Brasília é um labirinto lógico.

Quando se chega de noite
pela saída sul
já repararam
como ela, vista do alto,
parece uma galáxia às avessas?

E, no azul de abril ou
maio,
feita de ar e luz,
uma daquelas cidades espaciais de Flash Gordon?

Juscelino, depois do exílio, ao revê-la
na janela do avião: quero abraçá-la.

Ouvi alguém olhar para cima
e dizer
- o cosmo é claustrofobo.

Brasília vista com olhos de lince

□ MANOEL GOMES

Brasília é construída no plano astral,
da morte e da ressurreição.
Tem crispações sobrenaturais no lago,
do qual fica à beira afogada.
Brasília não tem saídas nem entradas,
é uma madrugada de insônia,
uma incógnita mal solucionada.
É uma mulher rica com vários cônjuges,
é uma cidade traçada no ar,
e por isso chora, por falta de mar.

Brasília tem perfil planificado,
tem becos mal-assombrados,
tem Napoleões seculares
e Legiões de Boa Vontade,
tem cratera de erosões lunares,
tem celebridades insurgíveis,
e tem resistência estrutural.

Brasília é abstrata e artificial,
impregnada de sonhos ilegíveis,
encravados nos ossos
de uma nave sem rota,
Brasília tem beatitude promíscua
e um passado esplendoroso
que apavora os brasílianos,
que chegam de lugar nenhum,
num silêncio totalitário.

Brasília voa como fênix destemida,
foi parida num momento de embriaguez,
bastarda filha que abortou sem gravidez,
pois ainda não tem homens de Brasília,

Brasília é indelicada na fala,
tem a agressividade dos pigmeus,
não tem identidade, sua língua é o sopapo.
Brasília tem sangue selvagem,
é histérica e exagerada,
é estéril malfadada,
num inferno paradisíaco,
com noites claras metálicas,
de afrodisíaco perdulário.

Brasília tem todas as crenças e descrenças,
e alianças contraditórias,
é uma vedete despudorada,
amante infiel do síndico,
com cheiro de gasolina,
que queima de paixão pelo índio.

Brasília tem mendigos, não tem esquinas,
é uma nave caída do voo,
um fracasso perdurável,
um sucesso impraticável.

Viver em Brasília é pagar condomínio para
turistas,
é estar exilado no próprio país,
com vergonha de tirar a roupa.
É estar a serviço dos lordes,
é sentir calafrios em tempo integral.

- Toc, toc.

- Quem é?

- Brasília.

- Calma, ainda não acabei com você.



Noturno nº 1



□ **CASSIANO NUNES**

Nunca me sinto pobre,
ao contemplar as estrelas.

Qualquer doido
(eu)
possui
o latifúndio do céu.

Aguardente negra e gratuita,
a noite me embriaga.

Sonho melhor
acordado.



CASSIANO NUNES nasceu em Santos, em 1921. E de origem portuguesa e conheceu a literatura lusa antes da brasileira. Começou a publicar seus artigos em 1937, no suplemento literário de "A Tribuna" de sua cidade natal. Em 1947, mudou-se para São Paulo e foi, então, cronologicamente, o primeiro secretário executivo da Câmara Brasileira do Livro. Bolsa de estudos o levou logo aos Estados Unidos, onde estudou literatura norte-americana. De 48 a 58, o escritor, na companhia de Mário da Silva Brito, orientou a "Coleção Saraiva", que foi um dos principais empreendimentos brasileiros para a democratização da leitura.

□ RISÉLIO

EST♦ CID♦DE QUE♦QUI EST♦
 QUIET♦ IN QUIET♦ SOB O LU♦AR
 ♦DORMECE DESPERT♦
 O CÉU EM GR♦NDE ♦NGUL♦R

EST♦ CID♦DE QUE♦QUI EST♦
 COM SU♦S ♦S♦S ♦BERT♦S
 EM VÔO. E NO MESMO
 L U G ♦ R

EST♦ CID♦DE CONHECE
 ♦ SIN♦ DE SU♦S PLUM♦S
 C♦ÍREM TOD♦S E
 UM♦ ♦ UM♦
 SEMPRE QUE CHEG♦
 (E J♦ SE ♦PROXIM♦)
 ♦ MUD♦ ♦ MUD♦NÇ♦ O MUD♦R

EST♦ CID♦DE QUE♦QUI EST♦



Claro calar sobre uma cidade sem ruínas

Em Brasília, admirei.
 Não a Niemeyer lei,
 admirei a vida das pessoas
 penetrando nos esquemas,
 tinta sangue no mata borrão,
 vermelho gente
 entre pedra e pedra
 pela terra a dentro.

Em Brasília, admirei.
 Admirei o pequeno restaurante
 o ceto,
 cirminoso por estar fora



da quadra permitida.

Sim, Brasília.

Admirei o tempo
que já cobre de anos
tuas impecáveis matemáticas.

Sim, Brasília,

o erro sim, não a lei.

Muito me admiraste,
muito te admirei.

p leminski
84

Grand Guignol

□ ANTONIO CARLOS OSÓRIO

La
res/
publique
s'amuse
mais où est-elle ma muse
qui ne s'amuse
pas?

A
ré/
pública
forma a quadrilha
e dança
sobre coágulos de champagne
e nódulos
de sangue.

São curtos os passos que levam
aonde a república
se diverte.

E verte-se-me o verso
vermelho.

(inútil e compassivo
companheiro).

Obs.: Escrito no dia da posse do Gen. Figueiredo, na Presidência da República, ao lado da Yolanda Jordão. Nos restos de uma carteira de cigarro...

ANTONIO CARLOS OSÓRIO nasceu em Quaraí (RS), em 1927. Infância rural. Ginásio e colégio em escolas religiosas. Faculdade de Filosofia na PUC, Porto Alegre. Faculdade de Direito na UFRGS (1950). França, Espanha, Suécia, de 1951 a 1955. A partir de 1956, Goiás e Brasília em construção, com escritório e residência no Núcleo Bandeirante. Ex-presidente da OAB-DF e atual presidente da Academia Brasileira de Letras.

A c a t e d r a l

□ RONALDO COSTA FERNANDES

Muda, espalmada,
reiterativa como um terço,
em cada hora a Catedral é outra:
furtiva,
turística,
passante e pia.

A luz da Catedral de Brasília
não é luz mística.
São caldeiras:
as fornalhas das máquinas
o pequeno inferno
dos pecadores
que ilumina cada igreja

Assim, crua,
na linha dissidente
do horizonte,
a Catedral não é obra de arquitetura
nem templo
nem casa de oração

A Catedral, na Esplanada dos Ministérios,
é apenas repartição pública
prédio burocrático
Só das almas expedientes.



Bico da torre

□ LUIS TURIBA

A sombra do bico da torre na terra
faz o ponteiro
que marca o preciso momento e o destino
da gente se amar.

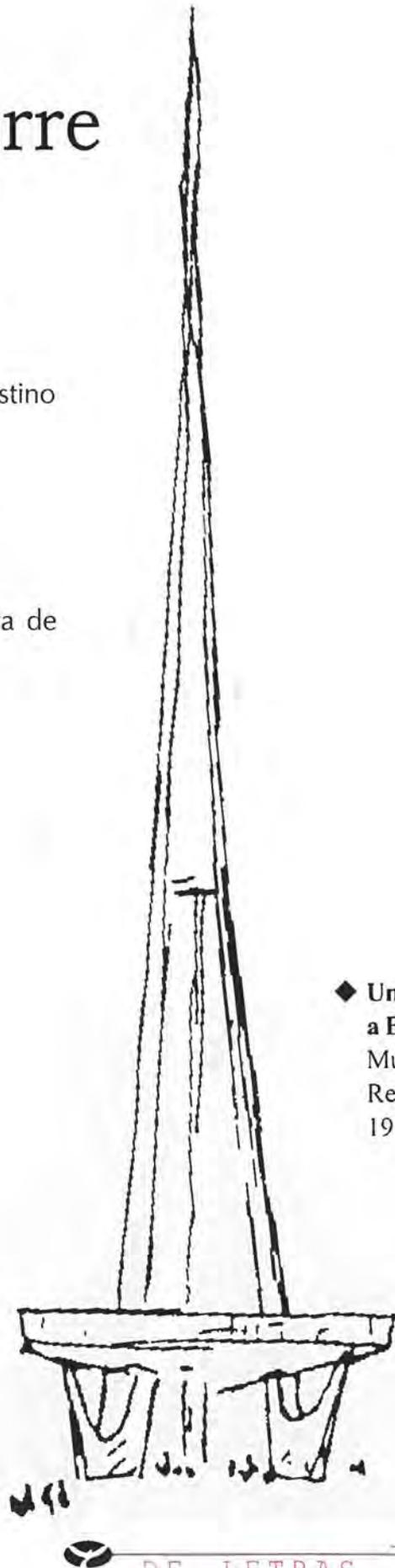
São flocos de nuvens que pairam
no céu de Brasília
dão na vista textura arquitetura obra de
artista.

São blocos caiados de branco
banhados de chuva e de luz
necessidade nessa cidade
de afeto é o que conduz.

Me induzo a ficar a pensar
que sou o céu.

E o bico da torre é a antena
que marca o momento apenas.

◆ **Um hino
a Brasília**
Música de
Renato Matos,
1985



Quatro postais brasilienses

□ MENEZES DE MORAIS



1 Brasília tem muito disso:
da educação pela grama.
E aquele papo do Gama
e aquele papo da lama
e aquele papo da grana.
Brasília tem muito disso.

2 Um dia
ele foi recitar
poesia
no eixão
e quase morre
a
tro
peladô
de paixão



3 E
o
bra
silien
se corren
do no eixão
alcançará a inflação?

4 Qualé a sua
ascensorista da emoção?
Qualé a sua
maiorial?

Táqui procê, oh!,
manda-chuva
do Império.
Cagão!



Cidadania candanga

□ CARLOS HENRIQUE



Tempos depois, de costas pro Atlântico
um de nós, fatalmente, aponta o ermo
rumo às deslembradas Tordesilhas
até o encontro dos eixos em cruz.

.....
E desde então temos feito esta Cidade
lendo no sonho o mapa do futuro.

CARLOS HENRIQUE DE ALMEIDA SANTOS trouxe para Brasília, em 1962, sua raiz sertaneja do Caldeirãozinho (BA). Neto e filho de políticos (o pai, Henrique Lima Santos, é um dos nove fundadores do antigo MDB), aqui ele se fez advogado e jornalista. Rodou pela América Latina, África, Ásia, Europa e América do Norte como repórter do Estado de São Paulo, da Veja e da Globo. Por fim, instalou e dirige a TVS - Canal 12 de Brasília.

□ **GUSTAVO DOURADO**
(Amargedom)

Acrópole da Nova Era

Deusa transcendente luminosa

Fêmil megalópole de Aquário

Cibéropolis ontológica piramidal

Síntese do Novo Homem Universal

Cenário do Sonho e do Prazer

Berço civilizatório do Cruzeiro do Sul

Fênix do apocalipse – revelação do Ser

Quintessência do terceiro milêneon

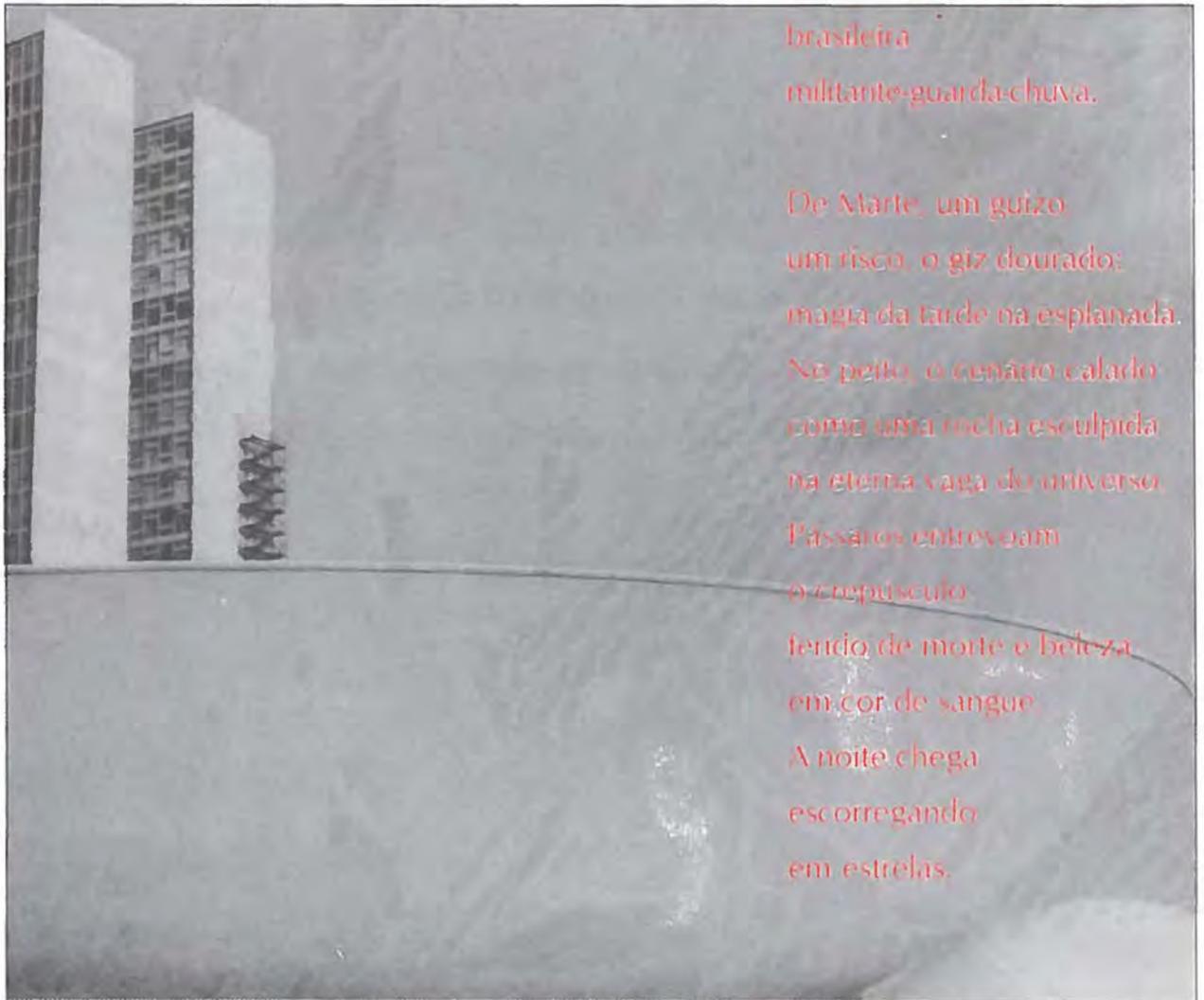
Sereia atlante, pitonisa dévica

Cristalina musa alquímica



Panorâmica explanada

□ ANGÉLICA TORRES LIMA



prato da Câmara
 posa um show de câmera
 no olho espelhado: sol
 abrasando o horizonte,
 os plenários vazios.
 Eclipsadas turvas caricaturas
 as meias-luas de Brasília.
 A grama ri, de cócegas.
 Crianças de cócoras
 rolando a ribanceira
 onde dormiu a bandeira
 brasileira
 militante-guarda-chuva.

De Marte, um guizo:
 um risco, o giz dourado:
 magia da tarde na explanada.
 No peito, o cenário calado
 contra uma rocha esculpida
 na eterna vaga do universo.
 Passaros entreveem
 o crepúsculo
 fencio de morte e beleza
 em cor de sangue.
 A noite chega
 escorregando
 em estrelas.



Pastelaria São Carlos

□ FABRIZIO

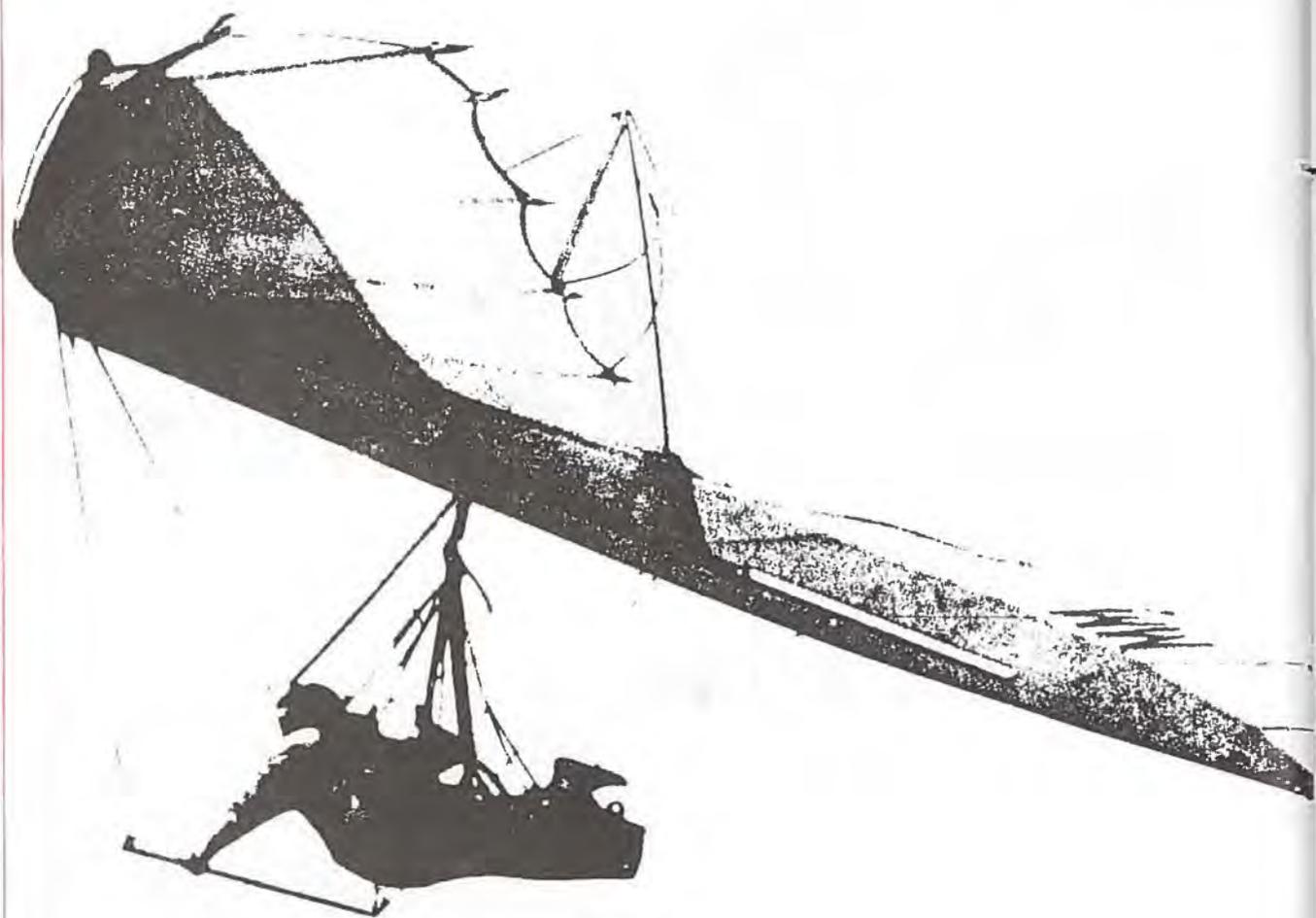
Rua das farmácias, Brasil.

*Cinco e vinte e quatro da manhã ao lado
sussurram óleos pastéis.*

*Ah! São Carlos, se padaria o passo é com
gentileza que me esquadrio; ou tento, antes do
sono profundo da embriaguez.*

*Cinco e vinte e tantos outros bêbados esperam
seus madrigais. Pra mim dois de queijo, por
gentileza.*





Ícaro V

(Para Renato Russo)

□ JOSÉ CARLOS VIEIRA

Poetas

Morrem cedo

Antes de criar asas

Faroeste

Caboclo

□ RENATO RUSSO

- NÃO tinha medo o tal João de Santo Cristo.
Era o que todos diziam quando ele se perdeu.
Deixou pra trás todo o marasmo da fazenda
Só para sentir no seu sangue o ódio que Jesus lhe deu.

Quando criança só pensava em ser bandido.
Ainda mais quando com um tiro de um soldado o pai morreu
Era o terror da cercania onde morava
E na escola até o professor com ele aprendeu.

la pra igreja só pra roubar o dinheiro
Que as velhinhas colocavam na caixinha do altar.
Sentia mesmo que era diferente
E sentia que aquilo ali não era o seu lugar
Ele queria sair para ver o mar
E as coisas que ele via na televisão
Juntou dinheiro para poder viajar
E de escolha própria, escolheu a solidão.

Comia todas as meninas da cidade
De tanto brincar de médico, aos doze era professor.
Aos quinze, foi mandado para o reformatório
Onde aumentou seu ódio diante de tanto terror.

Não entendia como a vida funcionava -
Discriminação por causa da sua classe ou sua cor
Ficou cansado de tentar achar resposta
E comprou uma passagem, foi direto a Salvador.

E lá chegando foi tomar um cafezinho
E encontrou um boiadeiro com quem foi falar
E o boiadeiro tinha uma passagem e ia perder a viagem

Mas João foi lhe salvar.
Dizia ele: - Estou indo pra Brasília.
Neste país lugar melhor não há.
Estou precisando visitar a minha filha
Então fico aqui e você vai no meu lugar.



E João aceitou sua proposta e num ônibus entrou
no Planalto Central
Ele ficou bestificado com a cidade
Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal.
- Meu Deus, que cidade linda,
No ano-novo eu começo a trabalhar.
Cortar madeira, aprendiz de carpinteiro
Ganhava três mil por mês em Taguatinga.

Na sexta-feira ia pra zona da cidade
Gastar todo o seu dinheiro de rapaz trabalhador
E conhecia muita gente interessante
Até um neto bastardo do seu bisavô
Um peruano que vivia na Bolívia
E muita coisas trazia de lá
Seu nome era Pablo e ele dizia
Que um negócio ele ia começar.

E o Santo Cristo até a morte trabalhava
Mas o dinheiro não dava pra ele se alimentar
E ouvia às sete horas o noticiário
Que sempre dizia que o seu ministro ia ajudar



Mas ele não queria mais conversa e decidiu que,
Com Pablo, ele ia se virar
Elaborou mais uma vez seu plano santo
E, sem ser crucificado, a plantação foi começar.

Logo logo os malucos da cidade souberam da novidade:
- Tem bagulho bom aí!

E João de Santo Cristo ficou rico
E acabou com todos os traficantes dali.
Fez amigos, freqüentava a Asa Norte
E ia pra festa de rock, pra se libertar
Mas de repente
Sob uma má influência dos boyzinhos da cidade
Começou a roubar.

Já no primeiro roubo ele dançou
E pro inferno ele foi pela primeira vez
Violência e estupro do seu corpo
- Vocês vão ver, eu vou pegar vocês.

Agora o Santo Cristo era bandido
Destemido e temido no Distrito Federal.
Não tinha nenhum medo de polícia
Capitão ou traficante, playboy ou general.
Foi quando conheceu uma menina
E de todos os pecados ele se arrependeu.
Maria Lúcia era uma menina linda
E o coração dele
Pra ela o Santo Cristo prometeu
Ele dizia que queria se casar
E carpinteiro ele voltou a ser
- Maria Lúcia pra sempre eu vou te amar
E um filho com você eu quero ter.

O tempo passa e um dia vem à porta um senhor
de alta classe com dinheiro na mão
E ele faz uma proposta indecorosa e diz que
espera uma resposta.

Uma resposta de João:

- Não boto bomba em banca de jornal nem em
colégio de criança
Isso eu não faço não
E não protejo general de dez estrelas, que fica
atrás da mesa
Com o cu na mão.
E é melhor o senhor sair da minha casa
Nunca brinque com um Peixes com ascendente
Escorpião.

Mas antes de sair, com ódio no olhar, o velho
disse:

-Você perdeu sua vida, meu irmão.

Você perdeu a sua vida meu irmão. Você perdeu
a sua vida meu irmão
Essas palavras vão entrar no coração
E eu vou sofrer as conseqüências como um cão.
Não é que o Santo Cristo estava certo
E seu futuro era incerto e ele não foi trabalhar
Se embebedou e no meio da bebedeira descobriu
que tinha outro
Trabalhando em seu lugar
Falou com Pablo que queria um parceiro
E também tinha dinheiro e queria se armar
Pablo trazia contrabando da Bolívia e Santo Cristo
revendia em Planaltina.

Mas acontece que um tal de Jeremias, traficante
de renome,

Apareceu por lá
Ficou sabendo dos planos de Santo Cristo
E decidiu que com João ele ia acabar.
Mas Pablo trouxe uma Winchester-22
E Santo Cristo já sabia atirar
E decidiu usar a arma só depois
Que o Jeremias começasse a brigar.

(O Jeremias, maconheiro sem-vergonha,
organizou a Rockonha
E fez todo mundo dançar.)

Desvirginava mocinhas inocentes
E dizia que era crente mas não sabia rezar

E Santo Cristo há muito não ia pra casa
E a saudade começou a apertar
- Eu vou embora, eu vou ver Maria Lúcia
Já está em tempo da gente se casar.

Chegando em casa então ele chorou
E pro inferno ele foi pela segunda vez
Com Maria Lúcia Jeremias se casou
E um filho nela ele fez.

Santo Cristo era só ódio por dentro e então o
Jeremias pra um duelo ele chamou
Amanhã às duas horas na Ceilândia, em frente ao
lote 14, é pra lá que eu vou
E você pode escolher as suas armas que eu
acabo mesmo com você, seu porco traidor
E mato também Maria Lúcia, aquela menina falsa
pra quem jurei o meu amor.

Santo Cristo não sabia o que fazer
Quando viu o repórter na televisão
Que deu notícia do duelo na TV
Dizendo a hora e o local e a razão.

No sábado então, às duas horas, todo o povo
Sem demora foi lá só para assistir
Um homem que atirava pelas costas e acertou o
Santo Cristo
E começou a sorrir.
Sentindo o sangue na garganta,
João olhou pras bandeirinhas e pro povo a
aplaudir
E olhou pro sorveteiro e pras câmeras e
A gente da TV que filmava tudo ali.

E se lembrou de quando era uma criança e de
tudo que vivera até lá
E decidiu entrar de vez naquela dança
- Se a via-crucis virou circo, estou aqui.



E nisso o sol cegou seus olhos e então Maria
Lúcia ele reconheceu.
Ela trazia a Winchester-22
A arma que seu primo Pablo lhe deu.

- Jeremias, eu sou homem, coisa que você não é.
E não atiro pelas costas não.
Olha pra cá filha-da-puta, sem-vergonha,
Dá uma olhada no meu sangue
E vem sentir o teu perdão.

E Santo Cristo com a Winchester-22
Deu cinco tiros no bandido traidor
Maria Lúcia se arrependeu depois
E morreu junto com João, seu protetor.

E o povo declarava que João de Santo Cristo era
santo porque sabia morrer
E a alta burguesia da cidade não acreditou na
estória que eles viram na TV
E João não conseguiu o que queria quando veio
pra Brasília, com o diabo ter
Ele queria era falar pro presidente.
Pra ajudar toda essa gente
Que só faz sofrer.



Clube
do
Choro
de Brasília
É demais!!!



Músicos e compositores importantes como Hermeto Pascoal garantem a alegria dos chorões nas noites do Clube do Choro

□ ANA LÚCIA MOURA

Especial para a DF Letras

A situação não podia dar em outra coisa que não fosse choro. Muito choro. A turma se reunia no antigo vestiário do Centro de Convenções, no centro de Brasília. Pias, vasos sanitários e chuveiros de banho instalados no espaço, sem falar na sujeira, eram de fato motivo de choradeira.

Mas não eram as atrações do lugar. Curioso mesmo era a turma, os chorões. Um monte de chorões. Todos em coro. Cada um com seu instrumento. Pandeiro, cavaquinho, bandolim, violão e mais uma infinidade de batusques. Mesas e cadeiras eram poucas. Para comportar todos os convidados que iam assistir aos concertos improvisados, melhor mesmo era se apoiar nos objetos de decoração do vestiário. A tradicional cervejinha era o complemento mais importante para alegrar e aliviar, principalmente frente ao calor que fazia no local.

E eram muitos os interessados em ouvir o resultado daquela mistura de instrumentos. Pudera! Era som da melhor qualidade. O velho choro. E os artistas, uns 10 ou 20, dependendo do dia, não deixavam a desejar. Foi assim que começou o Clube do Choro. Hoje, o antigo vestiário, o subterrâneo de um coreto, está totalmente reformado e ampliado. Foi transformado em uma casa de espetáculos muito aconchegante, uma das mais conhecidas do Brasil na categoria do choro.



Casa lotada

De formato arredondado, com um palco bem localizado e mesas distribuídas por todo o espaço restante, o clube tem capacidade para 400 pessoas, sentadas e em pé. Oferece também serviço de bar, com direito a garçom.

Com essa estrutura, recebe todas as semanas diferentes artistas da música popular brasileira, conhecidos em todo o país. Hermeto Pascoal, João Donato, Guinga, Altamiro Carrilho, Armando Macedo, Ivanildo Sax de Ouro, Hélio Delmiro e Hamilton de Holanda são apenas alguns nomes que já passaram pela casa.

O público delira. E o resultado é sempre o mesmo: casa lotada. Para conseguir ingresso para os shows, que ficam em cartaz das quartas às sextas-feiras, ininterruptamente, é preciso reservar com alguns dias de antecedência. O resultado, no entanto, vale o esforço. É difícil sair do Clube do Choro insatisfeito.

"Fico sempre anestesiado. Freqüento o clube há quase um ano e nunca assisti um espetáculo que merecesse nota inferior a 10", relata Márcio Silva, 25 anos. Recém-formado em comunicação social, ele conta que até algum tempo só curtia *rock and roll* nas festinhas universitárias. Conheceu o Clube do Choro por influência da namorada, estudante da Escola de Música de Brasília. Virou freqüentador.

Márcio faz parte da turma de jovens que descobriram o Clube do Choro nos últimos anos. Os freqüentadores mais assíduos são ainda aqueles com mais de 40 anos, a velha guarda de Brasília, os amigos e conhecidos da turma de chorões.

Choro antigo

Os encontros da turma no antigo vestiário começaram em 1977. A iniciativa foi de Pernambuco do Pandeiro, um dos músicos do grupo, de grande popularidade na época. Ele conseguiu organizar uma



Alunos da Escola de Choro Raphael Rabelo aproveitaram os shows do Clube do Choro para mostrar ao público o que estão aprendendo

apresentação dos chorões para o então governador Elmo Serejo. O grupo já vinha tocando de improviso há algum tempo no Teatro da Escola

Parque de Brasília, lotando a apertada salinha.

Empolgado com a qualidade da apresentação e dos artistas, o

Aprendendo a chorar

Há tanto choro em Brasília, que a idéia de abrir uma escola para estimular a formação de novos chorões não poderia ser mais bem-vinda.

Criada pelos representantes mais antigos do Clube do Choro, o violonista Raphael Rabelo, os jornalistas Ruy Fabiano e Carlos Henrique dos Santos, além do próprio presidente do clube, Henrique Filho, ou melhor, Reco do Bandolim, a escola é a primeira e única no Brasil a ensinar a tocar choro.

Localizada no subsolo do Centro de Convenções, ao lado do Clube do Choro, em um espaço cedido pela Secretaria de Turismo, foi inaugurada no início de 1998. Os idealizadores da escola apresentaram o projeto ao Ministério da Cultura para credenciamento junto à Lei do Mecenato, de incentivo à cultura, e a busca de recursos das empresas.

Denominada Escola de Choro

Raphael Rabelo, em homenagem ao mestre de violão de sete cordas, a escola começou graças ao apoio da Telebrasil, que investiu aproximadamente R\$ 200 mil em equipamentos, como instrumentos musicais, computadores e material didático. "É um incentivo que está tendo repercussão no país inteiro. Tem gente ligando de todos os lugares querendo saber como funciona", conta Reco.

Quando as portas da escola foram abertas pela primeira vez, a expectativa dos criadores era de 50 matrículas, mas o número foi muito superior, com 92 alunos matriculados e mais 200 na fila de espera. Este ano, a escola está com 410 alunos e 800 esperando vagas, todos com idades entre 12 e 80 anos.

O quadro de oito professores é formado pelos músicos Alencar Soares, violão de sete cordas; Hamilton de Holanda, Rogério Caetano e Jorge Cardoso, cavaquinho; Fernando Machado, clarineta/saxofone; Marcelo Sena, pandeiro; Ariadne, flauta; e Everaldo Pinheiro, violão de seis cordas. O método didático utilizado foi criado

governador cedeu aos músicos o espaço do vestiário, que não estava sendo utilizado pelo Centro de Convenções.

Ensaios e shows da turma foram então transferidos para a nova sede. Era a oficialização do Clube do Choro. Naquela ocasião, os chorões criaram o estatuto do clube, que está em vigor até hoje. Elegeram também um presidente, o músico Avena de Castro, da cítara.

O choro começou a ficar mais sério. É que, do início da década de 70 até aquela data, os encontros aconteciam informalmente no apartamento da professora e flautista Odette Ernest Dias. Os músicos eram funcionários públicos transferidos de outras capitais para trabalhar em Brasília, a maioria vinda do Rio de Janeiro.



No trabalho, eles foram se conhecendo, a amizade foi se firmando e a saudade das rodas de chorinho foi apertando. Decidiram

Pixinguinha foi um dos homenageados pelo Clube do Choro, que promoveu uma série de shows com intérpretes de todo o Brasil

então manter a tradição de tocar toda semana, embora as apresentações fossem ainda eventuais.

A pianista Neusa França, o violonista Hamilton Costa, o ex-integrante da orquestra de Fon Fon do Rio de Janeiro, Tio João, o pandeirista Manoel Vasconcelos, Francisco de Assis Carvalho da Silva, conhecido como Six, Alcebíades Moreira e Bide da Flauta, estes dois últimos

falecidos, são alguns dos músicos daquela época.

Outro grande destaque foi Waldir Azevedo, que chegou a Brasília anônimo, após a morte da filha, mas foi uma figura importante para o fortalecimento do choro na cidade. "O Clube do Choro é uma grande família", ressalta Carlos Henrique dos Santos, um dos representantes do clube em Brasília.

A conquista de um local permanente para os ensaios e shows deu impulso para o fortalecimento do grupo, embora a turma tenha abandonado temporariamente o local algumas vezes, devido aos roubos freqüentes de instrumentos.

A consolidação do Clube do Choro como uma casa de espetáculos veio mesmo com a reforma, iniciada em dezembro de 1996 e concluída em abril de 1997, quando foi entregue oficialmente aos chorões pelo Governo do Distrito Federal (GDF).

A iniciativa foi do presidente do clube, Henrique Filho, conhecido como Reco do Bandolim desde os tempos do exército. Ele tomou posse em junho de 1995 e decidiu mudar os rumos da casa. "Era uma esculhambação terrível", define.

pelo maestro carioca Maurício Carrilho.

Além de tocar o choro, os alunos recebem aulas de harmonia e teoria musical.

Na turma de alunos dele, todos são unânimes em afirmar que a escola de choro é nota 10. "É uma instituição fundamental para que os músicos possam repassar às outras gerações o que eles aprenderam no passado", afirma Luís Silva Barros, 22 anos, estudante de economia da Universidade de Brasília e de violão nas horas vagas.

Depois de morar três anos nos Estados Unidos e dois na Bolívia, ele não quer mais saber de ficar longe da música brasileira. "É um som riquíssimo. Não há no mundo nenhum outro igual", enfatiza.

Também acontece de alguns acabarem indo para a Escola de Choro Raphael Rabello por falta de grandes opções de escolas de música em Brasília. "Para mim, foi um acaso. Se eu disser que ainda não sei o que é choro, não estou exagerando", revela Carlos Estevão, 21 anos, outro aluno da escola.

Reco do Bandolim comemora as

palavras do estudante. "Ainda bem que existimos, senão garotos como ele possivelmente nunca teriam contato com esse tipo de música", justifica.

Para Reco, a iniciativa de criar a escola chegou mais que na hora. "Se nos Estados Unidos existem escolas de jazz, por que não termos a nossa escola de choro?", indaga. "No Brasil devia ter escola de choro, de música nordestina e muitas outras. Por que não? Os meninos que vão para as escolas de música saem tocando oboé e até trompa. Por que não saem tocando o cavaquinho de Waldir?", concluiu.

S E R V I Ç O

A Escola de Choro Raphael Rabello fica no Centro de Convenções, no Setor de Diversões de Brasília, em frente ao Clube do Choro. As aulas acontecem todos os dias. Bandolim, violão, cavaquinho, clarineta/saxofone e pandeiro são as opções oferecidas. A mensalidade é R\$ 40,00. Inscrições para novas turmas, no Clube do Choro, das 10 às 12h e das 14 às 18h. Informações pelo telefone 225-2761.



"Percebi que precisávamos profissionalizar aqueles encontros, criando uma casa com condições de receber vários músicos, pagando cachê com dignidade e divulgando o trabalho dos chorões da nossa cidade".

O estopim para a decisão de Reco foi a ameaça de despejo pelo próprio GDF. É que além de alguns grupos estarem pleiteando o lugar, o sistema hidráulico estourou e o esgoto alagou todo o clube. "Decidi que eu ia reverter tudo aquilo. O músico de maneira geral não tem muita paciência para papelada e burocracia, mas cai de cabeça naqueles formulários terríveis do GDF. Saí pedindo para o governo e todo mundo a chance de manter o clube", explica.

Para isso, foi preciso legalizar a entidade junto à Terracap, conseguir o aval de Oscar Niemeyer, autor da obra original, para ampliar e reformar a construção. O projeto foi feito pelo arquiteto Fernando Andrade, o Capacete, homem de confiança de Niemeyer, com a colaboração do Dr.

Conrado, professor de Acústica da Universidade de Brasília.

Mal sabia Reco que sua habilidade de executivo, até então desconhecida por ele mesmo, daria ao negócio as dimensões que têm hoje. Tanto é que, para atender a demanda de músicos interessados em tocar no clube e de frequentadores disputando ingressos, foi preciso montar um escritório de produção, localizado em uma das sobrelojas do Garvey Park Hotel, no Setor Hoteleiro Norte, em Brasília.

É tamanha a fama, que Reco e os representantes mais antigos do clube cogitam a idéia de abrir em outro local de Brasília uma casa mais ampla, com as mesmas características, porém com capacidade para até mil pessoas. Mas há quem conteste. "Os mais apaixonados têm medo que o clube se descaracterize", afirma Reco.

Enquanto a decisão não vem, o sucesso continua abençoado por vários músicos de todo o Brasil. Muitos estão sempre esperando um convite para tocar no local. O compositor carioca Guinga é um

deles. Embora tenha tocado três vezes no clube, ele afirma querer voltar o mais breve possível.

"O Clube do Choro é hoje um dos espaços mais dignos da música brasileira. Não tem compromissos com a música comercial. Leva quem realmente tem talento. Me sinto tão à vontade tocando lá, que é como se estendessem a varanda da minha casa até Brasília", diz ele.

S E R V I Ç O

O Clube do Choro fica no Eixo Monumental, entre o Centro de Convenções e o Planetário. Os shows acontecem todas as semanas, de quarta a sexta-feira, sempre a partir das 21h. Aos sábados, músicos locais e estudantes da Escola de Choro Raphael Rabello se apresentam. O ingresso custa R\$ 10,00 (valor de março deste ano). A produção do clube recomenda fazer as reservas com uma semana de antecedência pelo telefone (0xx61) 327-0494, com Patrícia ou Heloísa.

Clube do Choro abre alas para Chiquinha Gonzaga

Completando agora 22 anos, o Clube do Choro comemora a data homenageando Chiquinha Gonzaga.

Todos os anos, desde que o clube foi reaberto, depois da reforma, um artista do choro é homenageado na casa. O primeiro da lista foi Pixinguinha. No ano seguinte, foi a vez de Jacob do Bandolim e, logo depois, de Waldir Azevedo. Este ano, a casa abre suas portas para uma dama, Chiquinha Gonzaga, que será interpretada por Leandro Braga, Armando Macedo e Altamiro Carrilho, entre outros.

Com o patrocínio do Banco do Brasil e dos Correios, o Clube do Choro montou uma exposição nas paredes da casa, com fotos e fatos sobre a vida da artista, além de trazer selos com a estampa de várias celebridades do choro.

Chiquinha Gonzaga nasceu em Freguesia de Santana, no Rio de Janeiro, em 1847. Filha de um tenente com uma mestiça, foi educada para se tornar uma digna sinhazinha na corte de D. Pedro II. Aprendeu a ler, escrever, fazer contas e tocar piano. Apaixonada pelo instrumento, compôs sua primeira

música aos 11 anos.

O encontro de Chiquinha com o choro veio com a separação do marido, com quem se casou obrigada pela família. Sem ter para onde ir, e com o terceiro filho, João Gualberto, ainda no colo, foi recebida pelo meio musical carioca.

Passou a frequentar festas e reuniões de chorões, compondo várias músicas, ganhando fama e introduzindo a música popular nos salões. Para garantir seu sustento, dava aulas de piano. Os clássicos, é claro, ficaram boquiabertos com a mocinha que largou tudo e se entregou à boemia.

Em 1889 regeu O Guarani, do compositor Carlos Gomes, e em 1903 iniciou a luta pela defesa dos direitos autorais dos artistas, fatos mais marcantes de sua carreira.

Hoje, apesar do bombardeio na mídia da dança "da bundinha", "da garrafa" e "do tcham", Chiquinha Gonzaga prova que o chorinho está mais vivo do que nunca. Pelo menos no Clube do Choro de Brasília.

É uma conquista dos chorões em nome da perpetuação das raízes da boa música popular brasileira.

RECO DO
BANDOLIM

Brincando com o bandolim

DF Letras: Quando adolescente, você tinha uma banda de rock chamada Carência Afetiva. Como é que surgiu a paixão pelo bandolim?

Reco do Bandolim: Eu, como toda a minha geração, ouvia rock. Como eu já tocava violão, decidi aprender guitarra e formei uma banda de som pesado. Era conhecido como Jimmy Reco (uma referência ao guitarrista Jimmy

De andar despojado, calça jeans e camiseta, Henrique Filho, o Reco do Bandolim, não esconde a modéstia.

No escritório da produção do Clube do Choro, em Brasília, entre um compromisso e outro, além de muitos telefonemas, se faz de tolo quando questionado sobre como anda o bandolim. Diz que não sabe onde arranjar tempo para tocar, mas anda com o instrumento debaixo do braço. A tiracolo leva ainda uma sacola de CDs de chorinho, que vai ouvindo no carro enquanto tira as músicas de ouvido. Muito à vontade, tomando garrafadas de suco de manga no calor das tardes de março em Brasília, fala de sua música com tanta paixão que é como se estivesse tocando pela primeira vez.

Aos 45 anos, ainda parece um menino. Tem jeito de menino. Mas quando pega o bandolim, parece ter vivido pelo menos duas vidas.

Baiano, criado em Brasília, tem três discos gravados e o privilégio de ter tocado com vários dos grandes músicos brasileiros, como Cartola e Paulinho da Viola.

Agora, carrega consigo mais uma grande conquista. É o presidente do Clube do Choro, em Brasília, uma das casas de música mais importantes do país.

Aqui, nesta breve entrevista, Reco fala do seu amor à música brasileira e de como essa paixão dominou e mudou sua vida.

Hendrix). Cheguei até a participar de festivais. Uma vez, lá pelos idos de 1974, fui passar as férias na Bahia, em Salvador. Como era louco pelos Novos Baianos e naquela época o grupo estava se acabando, decidi ir a um show que eles fizeram por lá. Nunca tinha visto um bandolim na minha vida. Fiquei louco. Meu Deus do Céu, que instrumento era aquele!

Os Novos Baianos levaram um



Futuros chorões disputam vagas na Escola de Choro, que conta hoje com 410 alunos

bandolim para o palco?

Sim, na parte final do show. Subiram lá com esse instrumento. Era o Armandinho Macedo tocando aquela maravilha com o Moraes Moreira no violão. Eu me lembro bem. Eles tocaram "Noites Cariocas" (*ele cantarola a melodia da música*). Cheguei em Brasília e fiquei louco. Queria um bandolim, mas ninguém conhecia, nem sabia onde conseguir um. Certa vez fui à casa de um guitarrista amigo meu e lá estava um bandolim largado, nem tinha cordas. Enlouqueci. Levei esse bandolim para minha casa e fiquei com ele.

Partiu logo para a exploração do instrumento? Tocou tudo errado? Como foi?

Fiquei louco. Repito: louco. A afinação, é claro, era diferente. Uma afinação de violino, que nada tinha a ver com a guitarra. Fiquei em casa tocando tudo errado. Afinei tudo errado. E não conseguia acertar. Como tocava de ouvido, não conseguia fazer muita coisa. Aí descobri uma menina que tinha vários discos do Jacob do Bandolim (*autor de clássicos do chorinho, que brilhou nas décadas de 40, 50 e metade de 60*). Fui lá e roubei todos. Foi loucura. Parei de estudar. Minha mãe ficou louca: "Meu Deus, não faz isso, filho".

Quis te tomar o bandolim?

Não, de jeito nenhum. Passei a estudar à noite e tocava o dia todo.

Colocava os discos na vitrola, sentava no chão, e ficava tentando imitar. Tocava 10, 12, 14 horas por dia para tentar aprender. Foi nessa fase que eu comecei a ter alucinações.

Como assim?

Eu imaginava que a minha mão e minha cabeça começavam a crescer. O barulho dos carros nas ruas aumentava e parecia que ia explodir. Eu tinha de me levantar. Saía louco para lavar o rosto e voltava. Foi uma paixão, aquela coisa avassaladora.

E a escola? Namorada? Não existia?

Eu não queria saber de mais nada, de namorada, de sair, de nada. Era bandolim o dia todo, todo o dia. O Cartola veio aqui em Brasília, me viu tocando e me fez tocar com ele na UnB (*Universidade de Brasília*). Depois disso comecei a tocar só com profissionais, Paulinho da Viola, Nelson Cavaquinho.

“Fiquei louco com o bandolim. Parei de estudar. Não queria saber de mais nada. Era bandolim o dia todo, todo dia”

Chegou a entrar em uma escola de música para estudar?

Nunca entrei. Até hoje não leio partitura. Naquela época, fui ao Rio de Janeiro. Comecei a conhecer muita gente interessada no meu trabalho. Um dia minha mãe me liga dizendo que eu tinha passado no vestibular para economia e no concurso do Banco Central. Pensei: "Cacete". Aí voltei para Brasília.

Começou a trabalhar?

Comecei. Que loucura... (*passa a mão pela nuca demoradamente, pensando*). O que foi aquilo? Alguns anos depois, um conhecido assumiu uma chefia na Radiobrás e me chamou para trabalhar com música. Pedi demissão do Banco Central. Ufa! Decidi também fazer um outro vestibular, para comunicação. Tentar me endireitar, né? Com o tempo, acabei assumindo um cargo de chefia e fui crescendo dentro da Rádio Nacional.

E o bandolim?

Pois é, aí minha vida deu outra reviravolta. O bandolim ficou só para o final de semana. Foi quando surgiu o Clube do Choro e o meu grupo, o Choro Livre. Hoje, continuo na Radiobrás, mas estou muito feliz com essa nova conquista. É maravilhoso estar em contato com os músicos, trocando histórias, experiências, acordes. Apesar da rotina puxada, é o que eu mais gosto de fazer. Amo com esse meu coração.

